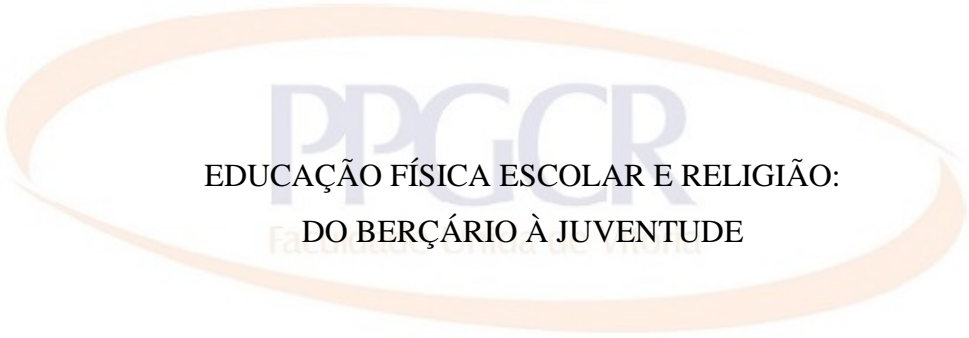


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

LEILA MIRANDA DAMASCENO



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO:
DO BERÇÁRIO À JUVENTUDE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 19/08/2021.

VITÓRIA-ES

2021

LEILA MIRANDA DAMASCENO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 19/08/2021.



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO:
DO BERÇÁRIO À JUVENTUDE

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro

VITÓRIA-ES

2021

Damasceno, Leila Miranda

Educação física escolar e religião / Do berçário à juventude / Leila Miranda Damasceno. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

vi, 72 f. ; 31 cm.

Orientador: Osvaldo Luiz Ribeiro

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

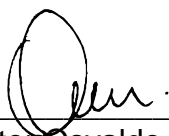
Referências bibliográficas: f. 67-72

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Educação física.
4. Educação física e religião. 5. Religião e educação Física 6. Corpo. - Tese.
- I. Leila Miranda Damasceno. II. Faculdade Unida de Vitória, 2021.
- III. Título.

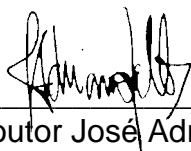
LEILA MIRANDA DAMASCENO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELIGIÃO: DO BERÇÁRIO À JUVENTUDE

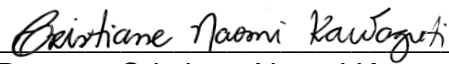
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA (presidente)



Doutor José Adriano Filho – UNIDA



Doutora Cristiane Naomi Kawaguti – UVV

RESUMO

A Educação Física Escolar (EFE) atua para além da formação corporal, afetando integradamente o social e a dimensão do espírito humano. Geralmente, as religiões apoiam a prática da mesma. Sem embargo, alguns seguimentos religiosos mais controladores e austeros em relação à vida social dos seus adeptos, percebem a Educação Física como inadequada, por razões religiosas. A pesquisa segue em busca dos possíveis entrelaces entre Educação Física e religião desde a faixa etária do berçário até a juventude. A questão central da pesquisa é: qual o tipo de relação ideal entre religião e EFE que se esperaria no ambiente escolar? Considerando-se que a prática da EFE desde o primeiro ano de vida contribui para a saúde dos estudantes, a hipótese de trabalho é que as religiões podem auxiliar no processo, zelando pelo bem-estar físico e espiritual das pessoas. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, buscando conectar a produção da Educação Física com as reflexões das Ciências das Religiões sobre as possíveis relações entre a EFE e religião.

Palavras chave: Educação Física. Religião. Corpo. Escola.



ABSTRACT

The Physical Education School (PE) has action beyond in the formation of the body, affecting the social and the spiritual dimension. In general, religions support its practice. However, some religious followers who are more controlling and austere regarding the social life of their followers perceive Physical Education as inadequate, for religious reasons. The research follows in search of possible mutual relationship between Physical Education and religion from the nursery age group to the youth. The central question of the research is: what kind of ideal relationship between religion and PE one would expect in the school environment? Considering that the practice of PE since the first year of life contributes to the students' health, the working hypothesis is that religions can help in this process, caring for people's physical and spiritual well-being. The methodology used was a bibliographic review, seeking to connect the development of Physical Education with the reflections of the Science of Religions about the possible relations between PE and religion.

Keywords: *Physical Education. Religion. Body. School.*



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O CORPO NA RELIGIÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA	10
1.1 O corpo na religião	10
1.1.1 A dimensão simbólica do corpo	11
1.1.2 Religião como um sistema de símbolos	12
1.1.3 Possível relação entre corpo e religião	14
1.2 O corpo na Educação Física	15
1.2.1 Correntes na Educação Física.....	16
1.2.2 Corporeidade e Educação Física.....	19
1.2.3 Religião, corpo e Educação Física.....	22
2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (EFE)	25
2.1 Histórico do estabelecimento da EFE.....	25
2.1.1 A concepção do corpo na sociedade.....	26
2.1.2 Religião e concepção do corpo.....	27
2.1.3 O papel escolar na formação social e corporal.....	28
2.2 Princípios teórico-práticos da EFE	30
2.2.1 A influência da instituição escolar na Educação Física.....	31
2.2.2 A influência da instituição escolar sobre o professor de Educação Física.....	33
2.3 Aplicações da EFE.....	39
2.3.1 EFE desde o berçário.....	39
2.3.2 EFE e saúde	46
3 A EFE E A RELIGIÃO	48
3.1 Perspectivas da Educação Física a respeito da religião.....	48
3.2 Entrevista com um líder religioso sobre religião e EFE.....	52
3.3 Pesquisas relacionadas à religião e EFE.....	58
3.3.1 Situação atual a respeito de pesquisas relacionadas à religião e EFE	58
3.3.2 Necessidade de estudos e avanços em pesquisas sobre religião e EFE.....	61
CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE	73
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa correlacionará o estudo da prática de exercícios corporais sob a influência da religião no ambiente escolar, a partir do encontro interdisciplinar entre Ciências das Religiões e Educação Física. A discussão sobre as atividades do corpo e a religião não é um tema muito frequente no debate acadêmico da Educação Física, indicando a importância desse diálogo interdisciplinar com as Ciências das Religiões. No presente relatório de pesquisa serão apontados alguns aspectos que perpassam as relações entre corpo e religião e seus reflexos no âmbito da Educação Física Escolar (EFE)¹.

As transformações na função social da instituição escolar no decorrer dos anos contribuíram para o desenvolvimento do plano pedagógico escolar, uma ferramenta construída a partir de uma série de pressupostos específicos, que delinea o funcionamento efetivo dos processos no ambiente escolar. Nesse sentido, a EFE recebeu novos impulsos e ampliou seu espectro de atuação, tendo em vista as mudanças teóricas e históricas nacionais envolvendo o currículo da Educação Física.

Essa pesquisa situa o leitor sobre essas mudanças e apresenta uma discussão relacionada ao conceito social e às interferências religiosas sobre o corpo e a função da escola na construção social. A Educação Física influencia diretamente na saúde mental e corporal desde a tenra fase escolar, promovendo benefícios aos estudantes. Por outro lado, e complementarmente, as religiões também buscam o melhor para o corpo e mente de seus adeptos. A pesquisa mostrará a incidência da religião no espaço público, especialmente sobre como a religião afeta a EFE.

Alexandre Souza afirma:

A Educação Física exerce fundamental importância na formação do indivíduo enquanto ser inserido no contexto social, assim como também a religião, no entanto, encontramos em alguns seguimentos religiosos a ideia de que a Educação Física exerce um papel negativo no desenvolvimento de seus fiéis, proibindo assim estes de frequentarem as aulas desta disciplina. [...] a Educação Física passa a ser um objeto passível de discriminação, levando em conta a sua abrangência esportiva ou de contato e exposição corporal? Levando-se em consideração o que nos traz o Coletivo de Autores, que a educação física tem o papel de transformar o mundo por meio de vivências que possibilitem a apropriação do conhecimento tendo como instrumento as diferentes possibilidades encontradas na cultura corporal,

¹ Ao longo do trabalho optou-se por utilizar a sigla EFE (Educação Física Escolar) para referir-se especificamente à Educação Física em ambiente escolar e manteve-se por extenso, Educação Física, para falar da área de conhecimento.

acreditamos que esta possa auxiliar de forma positiva na conscientização de indivíduos religiosos.²

Nessa linha, o objetivo da pesquisa é analisar a Educação Física na escola em sua relação com a religião, considerando desde o berçário até a juventude. Os objetivos específicos são: destacar a visão religiosa e a relação entre corpo e religião na história da EFE no Brasil; descrever a visão de um líder religioso sobre a relação entre religião e EFE; e, analisar a influência religiosa na EFE.

A escolha do tema se deu pela atuação profissional da pesquisadora na área da Educação Física e por perceber a necessidade de novas pesquisas sobre a influência da religião em sua prática profissional. Os estudantes e seus responsáveis são oriundos de variados seguimentos religiosos, que, através de suas crenças, podem ou não impactar o exercício da profissão de Educação Física.

Quanto ao problema de pesquisa, a questão a ser respondida é: qual o tipo de relação ideal entre religião e EFE que se esperaria no ambiente escolar? Considerando-se que, conforme se verá no corpo do relatório de pesquisa, a prática da EFE desde o primeiro ano de vida contribui para a saúde dos estudantes, a hipótese de trabalho é que as religiões podem auxiliar no processo, zelando pelo bem-estar físico e espiritual das pessoas. Os exercícios físicos e os esportes podem beneficiar a saúde e o aprendizado do corpo e da mente.

Em relação ao quadro teórico, esta pesquisa considerou a perspectiva de Clifford Geertz sobre a relação entre religião e cultura. O referido autor trata a cultura como algo a ser interpretado, portanto, como atividade simbólica. Na mesma linha geertziana, a religião é um sistema de símbolos, exigindo da pessoa que analisa o fenômeno religioso uma atitude de hermenêutica. O referencial teórico da pesquisa também está vinculado à ótica de Ana Carolina C. Rigoni em relação à utilização do corpo e da religião na área escolar e na Educação Física, ressaltando a contraposição entre as abordagens típicas da Educação Física e as abordagens típicas da religião.

Em relação à metodologia, os dados para a pesquisa foram obtidos por análise qualitativa. A técnica empregada foi a revisão de literatura. No último capítulo, foi aplicada uma entrevista pontual, pertinente à temática em contexto, com um líder religioso católico do município de Vila Velha-ES, realizada presencialmente e gravada no dia 25 de maio de 2021, terça-feira, às 17h30. Foi uma entrevista não estruturada, a partir de um roteiro pré-definido,

² SOUZA, Alexandre Rocha. A influência da religião na prática das aulas de Educação Física. *Revista Digital EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 20, n. 208, [n.p.], 2015. [online]. [n.p.].

mas com liberdade para que o entrevistado comentasse o assunto, com o intuito de ilustrar a presente pesquisa.

O relatório de pesquisa tem três capítulos. No primeiro, reflete sobre alguns aspectos que perpassam as relações entre corpo e religião e seus reflexos no âmbito da Educação Física na contemporaneidade, considerando a dimensão simbólica do corpo, a religião como um sistema de símbolos, a corporeidade e as correntes na Educação Física.

O segundo capítulo trata de alguns aspectos da EFE, como o seu histórico de estabelecimento no Brasil, os princípios teórico-práticos, a concepção do corpo na sociedade, a função escolar na formação social e corporal, a influência da instituição escolar na Educação Física e sobre o professor de Educação Física, a questão das faixas etárias desde o berçário e, por último, a relação entre EFE e saúde.

O terceiro e último capítulo contextualiza a perspectiva religiosa a partir da EFE. Analisa encaminhamentos profissionais a respeito da relação entre religião e a EFE através de uma entrevista com um líder religioso católico, trata sobre as pesquisas relacionadas à religião e EFE, e, apresenta a situação atual e a necessidade de novos estudos nesta temática.

Na sequência, o leitor terá o primeiro capítulo, debatendo as questões relativas ao corpo na religião e na Educação Física.

1 O CORPO NA RELIGIÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo trata de alguns aspectos que perpassam as relações entre *corpo* e *religião* e seus reflexos no âmbito da Educação Física na contemporaneidade. O objetivo é apontar essas categorias pensadas como fenômenos entrelaçados, que se transformam concomitantemente, em decorrência das transformações internas, mas que também dependem e se definem a partir de outros âmbitos e instituições. Isso será feito em dois passos. Primeiro, busca-se mapear as possíveis relações entre corpo e religião. Para isso, será necessário esboçar a *dimensão simbólica do corpo* e, na sequência, descrever o que é religião na concepção do antropólogo Clifford Geertz, que será utilizada como instrumental nessa pesquisa. Segundo, aborda-se sobre o corpo, correntes, religião e corporeidade nos âmbitos da Educação Física.

1.1 O corpo na religião

Cada religião defende um conjunto de crenças e de costumes diversos que pretende doutrinar os fiéis em relação às formas mais adequadas de utilização do *corpo*, de modo que ele não *caia em tentação* e não *cometa pecados*.³ Em diversas áreas do conhecimento, o corpo é perscrutado exclusivamente como organismo biológico.⁴ No entanto, esse tipo de abordagem desconsidera outras manifestações do corpo, por exemplo, aqueles aspectos de sua vida social. Para Jürgen Habermas, “o organismo do recém-nascido só consegue formar-se como homem mediante a assunção de interações sociais”⁵. Neste sentido, o corpo também é constituído por uma natureza social. Compreende-se, portanto, que um estudo sobre o corpo e suas relações com a religião precisa integrar tais interações entre os indivíduos. Pois, “os olhares subjetivadores do outro possuem uma força individuadora”⁶.

Desta forma, antes de verificar as possíveis relações entre *corpo* e *religião*, faz-se necessário esboçar as práticas que envolvem o corpo na sociedade hodierna.

³ RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, 2013. [online]. p. 228.

⁴ No âmbito da anatomia, por exemplo, um corpo é um conjunto das várias partes que compõem um animal e, após a sua morte, o corpo é considerado um cadáver. No ser humano, o corpo é considerado como um organismo material, abstraído de suas funções psíquicas e, em biologia, engloba o conjunto dos tecidos vivos que perpetuam a espécie e a mantêm viva. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 139.

⁵ HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007. p. 21.

⁶ HABERMAS, 2007, p. 21.

1.1.1 A dimensão simbólica do corpo

Em sua descrição sobre o *corpo*, Ana Carolina Rigoni assenta que este “incorpora certo repertório de representações coletivas, oriundas de determinada cultura, num determinado intervalo de tempo”⁷. Nas diversas classificações que o corpo recebe – quase sempre de cunho biológico – os aspectos culturais e sociais parecem ser ignorados. Por exemplo, a sexualidade sempre é pensada pelo viés da reprodução humana ou das doenças sexualmente transmissíveis.⁸ Em oposição a essa ideia, ela entende que o corpo humano tem uma imagem e conteúdo que comunica consciente e inconsciente como símbolo e “é por meio dos símbolos que os diferentes arquétipos estruturam nossa consciência, nosso ego, ao longo de nossa existência”⁹. Há, portanto, uma dimensão simbólica do corpo que estrutura a consciência que se expressa “nas atitudes, [...] no funcionamento de nossos aparelhos, [...] nas alterações bioquímicas e neuro hormonais [...] no modo como nos relacionamos com o outro, na maneira como sentimos e pensamos, como vemos o mundo onde estamos vivendo”¹⁰.

A natureza e a origem dos símbolos são coletivas, e não individuais.¹¹ Em relação ao corpo, existem modelos construídos socialmente – mas tratados como naturais – que classificam as pessoas em suas relações cotidianas.¹² “Desde a infância, principalmente na escola, as classificações (biológicas) hierarquizam os corpos de forma muito clara. Aspectos anatômicos dão margem a classificações que pertencem ao mundo simbólico”¹³. Neste sentido, o corpo humano é submetido a uma espécie de *mercado de bens simbólicos* que valoriza estas classificações naturalizadas. O que pressupõe que o corpo está inserido em um jogo de diferenças valorativas opostas.¹⁴ Isto é, no caso das crianças, a diferenciação se dá em aspectos como: calmo e agitado, gordo e magro, entre outros, sendo um considerado “bom” e o outro, como “mau”.¹⁵

⁷ RIGONI, Ana Carolina C. Corpo e religião: aproximações possíveis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), XVIII; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), V, 2013. *Anais...* Brasília: CONBRACE; CONICE, 2013b. p. 1-13. [online]. p. 2.

⁸ RIGONI, 2013b, p. 2.

⁹ VARGAS, Nairo de Souza. Símbolo e psicossomática: o corpo simbólico. *Junguiana*, São Paulo, n. 20, p. 29-34, 2002. p. 30.

¹⁰ VARGAS, 2002, p. 31.

¹¹ MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo. Teoria da personalidade em Carl Gustavo Jung. In: REIS, Alberto Olavo Advincula; GONÇALVES, Waldir Lourenço; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo. *Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: EPU, 1984. p. 146.

¹² RIGONI, 2013b, p. 2.

¹³ RIGONI, 2013b, p. 2.

¹⁴ RIGONI, 2013b, p. 3.

¹⁵ RIGONI, 2013b, p. 3.

Além disso, a imagem corporal também está ligada ao julgamento moral que o indivíduo acredita que outras pessoas fazem da sua aparência.¹⁶ O corpo, portanto, insere-se numa lógica de consumo intenso sob a égide da busca exacerbada pelo *corpo ideal*, naturalizado na vida cotidiana.¹⁷ Esta intervenção no corpo humano para *melhorá-lo*, se dá a partir de produtos cosméticos, cirurgias plásticas, alimentação, entre outros.¹⁸ Além disso, a alta exposição midiática soma-se à viabilidade comercial atribuída ao corpo, exibindo os *padrões de beleza* para o público consumidor.¹⁹ Este mercado impõe um *padrão corporal adequado* para todas as pessoas.²⁰ Neste sentido, por meio da ideia de *corpo saudável*, se apresenta uma matriz cultural com forte apelo da mídia ao consumo de produtos e serviços que possibilitam *modificar* o corpo. Ou seja, encontram-se aí valores estéticos que trazem consigo modelos de ideais de corpos.²¹

Portanto, pode-se dizer que outras esferas concorrem, ao lado da religião, no processo de normatização dos modos de fazer uso do corpo. Mas, para adentrar na reflexão sobre as possíveis relações entre *corpo e religião*, é preciso antes definir qual a perspectiva sobre religião irá delinear a presente pesquisa.

1.1.2 Religião como um sistema de símbolos

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz procurou compreender o fenômeno religioso como fato cultural.²² Isto é, a cultura se apresenta como um sistema de códigos simbólicos, que se constrói a partir do processo de desenvolvimento social e que são decodificados pelos indivíduos que integram este sistema.²³ Por isso, para ele, o sujeito está amarrado a teias de significados que ele mesmo ajudou tecer. Portanto, se cultura é representada por esta teia de significados, mediada por símbolos, a religião, indubitavelmente, é um sistema de símbolos.²⁴

¹⁶ NOVAES, Joana de Vilhena; IANNELLI, Adriana Machado. A dimensão simbólica do corpo e o fenômeno social da corpolatria. *Desafios*, Palmas, v. 2, n. 1, p. 176-189, 2015. p. 176.

¹⁷ RIGONI, 2013b, p. 3.

¹⁸ RIGONI, 2013b, p. 3.

¹⁹ NOVAES; IANNELLI, 2015, p. 177.

²⁰ RIGONI, 2013b, p. 3.

²¹ NOVAES; IANNELLI, 2015, p. 178.

²² GEERTZ, Clifford. Religion as a cultural system. In: BANTON, M. (org.) *Anthropological approaches to the study of Religion*. Londres: Tavistock, 1966. p. 1-46.

²³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 22.

²⁴ GEERTZ, 1966, p. 1-46.

Em sua análise, Geertz buscou compreender como os símbolos adequam as ações humanas à ordem cósmica, isto é, a *visão de mundo* descrita pela religião.²⁵ A religião seria uma espécie de esfera reguladora das ações humanas a esta ordem cósmica, projetando esta ordem nas próprias ações. O ritual seria o meio para alcançar este fim. Ou seja, o ritual é interpretado por Geertz como um comportamento consagrado, capaz de reforçar a ideia de que as concepções religiosas são legítimas e as ações propostas, por sua vez, são corretas. Neste sentido, é no ritual que ocorre a *fusão simbólica* entre o *ethos* e a *visão de mundo* do indivíduo.²⁶

Portanto, para Geertz, religião é:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderoso, penetrante, e modos de longa duração e motivações nos homens por (3) formulação de concepções de ordem geral da existência e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) os humores e motivações parecem singularmente realistas.²⁷

Assim, a análise de Geertz situa a religião na dimensão cultural. A cultura é compreendida como um padrão de significados transmitidos historicamente, um sistema de concepções herdadas em formas simbólicas, pelas quais os indivíduos interagem e se comunicam.²⁸ Desta forma, ele estabelece dois conceitos elementares: *ethos* e *visão de mundo*.²⁹ Por isso, os símbolos religiosos engendram uma harmonia elementar entre *ethos* e *visão de mundo*. Neste sentido, as ações culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais.³⁰

Sendo assim, esta análise solicita uma compreensão do ser humano presente em tais manifestações culturais e religiosas. No próximo tópico, será feita uma breve abordagem sobre as possíveis relações entre o *corpo* e a *religião*.

²⁵ GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 60-65.

²⁶ GEERTZ, 1989, p. 178.

²⁷ GEERTZ, 1989, p. 67.

²⁸ GEERTZ, 1989, p. 103.

²⁹ De acordo com Clifford Geertz, na atual discussão antropológica, os aspectos morais (e estéticos) de determinada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *ethos*, enquanto aspectos cognitivos, existenciais foram designados pela expressão *visão de mundo*. Neste caso, o *ethos* de uma sociedade é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A *visão de mundo* que essa sociedade tem seria o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem. GEERTZ, 1989, p. 93.

³⁰ GEERTZ, 1989, p. 93-95.

1.1.3 Possível relação entre corpo e religião

De acordo com Rigoni e Prodócimo, ao aderir a uma religião, em geral, o indivíduo adota seus símbolos morais e os incorpora à sua conduta social, agindo de acordo com os padrões comportamentais daquele grupo religioso.³¹ A relação entre o indivíduo e seu corpo sempre ocupou um lugar central na esfera religiosa. A diferença, no entanto, consiste no fato de que antes a religião detinha o monopólio sobre a *utilização do corpo* e da alma, e hoje ela disputa esse domínio com outras áreas do conhecimento.³² Para exemplificar sua descrição, Rigoni se utiliza da noção de *beleza corporal*. Segundo ela, na atualidade “a beleza não depende mais da vontade divina, e sim dos métodos científico-tecnológicos empregados no corpo”³³. Em outras palavras, “o pensamento moderno vem mostrar, principalmente às mulheres, que se no quesito beleza elas foram esquecidas por Deus, a ‘fé’ na ciência pode dar-lhes uma ‘mãozinha’”³⁴. Neste sentido, ela constata que ocorrem mudanças, ao longo do tempo, no trato e no sentido atribuído ao corpo.³⁵

Diante de tais mudanças, os ensinamentos sobre a salvação da alma não foram abandonados. Ao contrário, o corpo ainda pode ser o alvo principal para algumas religiões. Ou seja, o grupo religioso precisa estar mais atento às questões do corpo, pois, ele não pode colocar em risco a salvação da alma.³⁶ Pois, “a crença de que o corpo (carne) é passageiro e somente a alma é imortal atribui a ele à sujeição dos pecados e tentações”³⁷. Estas mudanças são mais radicais a partir da metade do século XX, quando os novos profissionais da beleza reforçam os laços entre a dignidade moral e a beleza.³⁸ Para Mary Del Priore, a Igreja se posicionou afirmando que isso significava alterar a obra da criação de Deus, que modelou seus filhos e filhas à sua imagem, entretanto, “apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis ser ou fazer-se bela. Se a Igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura lhe incentivava a forjar os meios para transformar-se”³⁹.

Se por um lado, o corpo torna-se objeto de cuidados e de construção de significados na sociedade hodierna, por outro lado, a religião sempre lidou com o corpo sob o signo da

³¹ RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p. 230.

³² RIGONI, Ana Carolina C. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. *Revista Ciências da Religião*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-145, 2016. p. 136.

³³ RIGONI, 2016, p. 137.

³⁴ RIGONI, 2016, p. 137.

³⁵ RIGONI, 2016, p. 137.

³⁶ RIGONI, 2016, p. 138.

³⁷ RIGONI, 2016, p. 138.

³⁸ RIGONI, 2016, p. 138.

³⁹ DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 29.

desconfiança, porque ele representa o *locus* do pecado e das tentações.⁴⁰ Na perspectiva de Rigoni, o corpo é também território do simbólico e suas memórias preservam as transformações históricas, sobretudo, aquelas que estão ligadas à história da religião.⁴¹ Esse argumento reforça o pensamento de Geertz, quando afirma que a religião é um sistema de símbolos.⁴² Pois, segundo ele, a cultura é compreendida como um padrão de significados transmitidos historicamente, um sistema de concepções herdadas em formas simbólicas, pelas quais os indivíduos interagem e se comunicam.⁴³

Dessa forma, a religião como sistema simbólico, através dos seus códigos morais exercidos pela cultura, exerce influência sobre o corpo. Os códigos morais são repassados, em muitos casos, diretamente pela religião sedimentada na cultura, o que afeta a *visão de mundo*⁴⁴ do indivíduo.⁴⁵ Apesar das transformações em relação ao corpo nas últimas décadas, a religião ainda exerce influência sobre o corpo na contemporaneidade, em determinadas religiões mais do que em outras.⁴⁶ O que impossibilita esgotar o assunto, pois, uma característica marcante da atualidade é o pluralismo religioso. Isso exige, por exemplo, um estudo pormenorizado sobre o corpo na perspectiva de cada um dos vários segmentos do cristianismo. Sendo assim, esta seção buscou manter-se nos aspectos simbólicos inerentes ao corpo e à religião, objetivando desembocar nas possíveis relações entre estas categorias.

Na próxima seção será feita uma análise do corpo no âmbito da Educação Física, destacando-se as diferentes abordagens que a EFE desenvolveu ao longo da sua implementação no Brasil no século XX, a dimensão da corporeidade e, por último, introduzir a temática da religião e Educação Física, que será aprofundada ao longo dos próximos capítulos.

1.2 O corpo na Educação Física

O principal anseio da EFE é fazer com que o estudante conheça a *cultura corporal* de movimento, que contempla várias atividades.⁴⁷ As práticas corporais mais conhecidas são:

⁴⁰ RIGONI, 2016, p. 137-138.

⁴¹ RIGONI, Ana Carolina C. Religião e educação do corpo feminino. Revista EFDeportes.com, Buenos Aires, a. 14, n. 133, p. 1-2, 2009. [online]. p. 1.

⁴² GEERTZ, 1966, p. 1-46.

⁴³ GEERTZ, 1989, p. 103.

⁴⁴ GEERTZ, 1989, p. 93.

⁴⁵ RIGONI, 2009, p. 1.

⁴⁶ RIGONI, 2009, p. 2.

⁴⁷ BANDEIRA, Ana Paula R. M.; SOUZA, Artur E. F.; SOARES, Rafael da S.; LOBO, Wellington G.; ROCHA, Edson L. A abordagem pedagógica saúde renovada nas aulas de Educação Física escolar. Revista EFDeportes, Goiânia, a. 19, n. 196, p. 3-4, 2014. [online]. p. 3.

danças, jogos, esportes, ginásticas, etc., sendo que o aprendizado desta cultura objetiva a aquisição de uma linguagem por meio da expressão corporal. Observa-se uma transformação do objeto de estudo e intervenção da Educação Física, não sendo somente movimento humano, biológico e/ou psicológico, mas também, crucialmente, uma cultura corporal, ao contrário da afirmação de que a Educação Física teria como objetivo unicamente a aptidão corpórea e o desenvolvimento motor.⁴⁸

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) segmentam a Educação Física em três blocos: 1) esportes, jogos, lutas e ginásticas; 2) atividades rítmicas e expressivas; e, 3) conhecimentos sobre o corpo.⁴⁹ O texto do referido documento evidencia a mútua relação entre eles:

Os três blocos articulam-se entre si, têm vários conteúdos em comum, mas guardam especificidades. O bloco ‘Conhecimentos sobre o corpo’ tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si.⁵⁰

Para um efetivo processo de ensino-aprendizagem sobre o corpo se demandam aulas dinâmicas, ludicidade, prazer⁵¹, sociabilidade e exploração de novas relações. A atividade corporal deve passar pelo esquema corporal⁵², noção espaço-temporal, ritmo, direção, lateralidade, etc., respeitando os limites dos estudantes e motivando a descoberta das possibilidades de cada um.⁵³ Desta forma, faz-se necessário esboçar sobre o corpo, correntes, religião e corporeidade nos âmbitos da Educação Física.

1.2.1 Correntes na Educação Física

Ghiraldelli Júnior identificou cinco tendências históricas na EFE: 1) *higienista* (até 1930), 2) *militarista* (1930 a 1945), 3) *pedagógica* (1945 a 1964), 4) *competitivista* (1964 a

⁴⁸ NOGUEIRA, Quéfren W. C. Educação Física, cultura e a produção de significados. *Revista Educar*, Curitiba, n. 26, p. 197-214, 2005. [online]. p. 200.

⁴⁹ BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. [online]. p. 35.

⁵⁰ BRASIL, 1997, p. 35-36.

⁵¹ O prazer no âmbito da Educação Física não está relacionado ao erótico e sexual, que poderia indicar sensualidade e atração sexual. O resultado obtido pela prática de atividades físicas pode gerar algum prazer, mas como sensação de realização, catarse, euforia, entre outros.

⁵² O esquema corporal será visto mais adiante. Wallon o define como: “A consciência do corpo como meio de comunicação consigo mesmo e com o meio. É um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança e, também, a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo”. WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Rio de Janeiro: Andes, 1974. p. 9.

⁵³ KERSCHNER, Vanusa; CAUDURO, Maria T. O conhecimento sobre o corpo da Educação Física. *Revista EFDeportes*, Buenos Aires, a. 18, n. 180, [n.p.], 2013. [online].

1985) e 5) *Educação Física Popular* (1985 em diante).⁵⁴ Na primeira, a promoção de estudantes saudáveis através da higiene pessoal e aulas práticas; na segunda, exercícios militares como preparação dos estudantes para futuras guerras; na terceira, ensino inicial sobre primeiros socorros, alimentação saudável, prevenção de doenças, etc.; na quarta, formação de atletas, fisiologia e treinamento esportivo; na última, discussões teóricas sobre sedentarismo, doenças sexualmente transmissíveis, combate às drogas, etc., inaugurando enfoques na atualidade.⁵⁵

Na chamada Educação Física Popular, seis abordagens atuais podem ser esquematizadas, como: a) psicomotricidade relacional, b) construtivista, c) desenvolvimentista, d) crítica, e) saúde renovada e f) PCNs.⁵⁶ Na chamada *psicomotricidade relacional*, o foco está nos aspectos psicomotores, cognitivos e afetivos. A atividade praticada permitirá ao psicomotricista captar a informação relacionada ao aspecto corporal da criança e sua história, através da expressão gestual, do movimento e da tônica-corporal da mesma. O vínculo corporal entre indivíduo, psicomotricista e outros indivíduos, permitirá a percepção do outro como um ser humano integral, proporcionando mútuo reconhecimento. Este vínculo é dado pela ação de ouvir, permitir, apoiar, compreender, aceitar e demonstrar segurança e confiabilidade do profissional, e assim, a criança desenvolve autoconfiança e confiança na vida e no próximo.⁵⁷

São imprescindíveis para esta abordagem as informações relacionadas ao desenvolvimento da autoestima, identidade própria, alimentação, afetividade, comportamentos, saúde do coletivo e cuidado com o corpo.⁵⁸ Nessa ótica, a Educação Física se coloca dando relevância ao desenvolvimento da criança, às aprendizagens afetivas, psicomotoras e cognitivas, objetivando atingir o estudante integralmente.

Na abordagem *construtivista-interacionista* predominam atividades lúdicas envolvendo o jogo. Os princípios ativos da Educação Física seriam as brincadeiras populares

⁵⁴ GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação Física progressista*. São Paulo: Loyola, 1998.

⁵⁵ FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 18, n. 182, [n.p.], 2013. [online].

⁵⁶ FERREIRA; SAMPAIO, 2013, [n.p.].

⁵⁷ ALVES, Maria do Carmo D. A dinâmica da imagem do corpo: da criança ao idoso: “do tato ao contato: uma experiência de diálogo corporal”. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE [Site institucional]. [s.d.]. [n.p.]. [online].

⁵⁸ MEDEIROS, Rosie; RAMOS, Thays A. M. S. Educação como expressão do corpo que dança: um olhar sobre a vivência da dança em projetos sociais. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 311-324, 2018. p. 318.

com seu vasto aparato de materiais alternativos e o jogo simbólico e de regras.⁵⁹ Na abordagem *desenvolvimentista*, no que lhe concerne, a atenção está na presença de peculiaridades da aprendizagem e da psicologia do desenvolvimento, que classifica os movimentos humanos sequencial e hierarquicamente no desenvolvimento motor. Sistemicamente, estaria atenta à experiência prática dos movimentos, à aprendizagem cognitiva e à experiência afetiva.

Na abordagem *crítica-superadora*, a saúde é tratada diretamente na Educação Física “através de discussões e debates sobre as injustiças sociais pautadas no marxismo. Visão não biologicista e socialista de saúde”⁶⁰. Aborda-se a cultura corporal por intermédio de atividades como dança, jogos, esportes, ginásticas, etc.⁵⁷ Em uma ótica de abordagem tradicional, as aprendizagens são limitadas a uma prática instrumental; já na abordagem crítica, é possível desenvolver questionamentos em relação ao que o discente precisa adquirir de informações sobre “ser” rico em conhecimento relacionado aos componentes desta “cultura corporal”.⁶¹

Na abordagem *saúde renovada*, é dada significativa importância à prática de atividade física e ao aprimoramento de fatores da fisiologia humana — resistência muscular, cardiovascular, competências motoras, flexibilidade e as características físicas —, objetivando melhor qualidade de vida através de hábitos saudáveis.⁶²

Por último, na abordagem das *PCNs*, a EFE deve se propor a formar indivíduos participantes de práticas corporais, com a promoção de ações que apresentem dignidade, respeito mútuo e solidariedade, além de apropriar-se de aprendizagens, valores e respeito, envolvendo a multiplicidade das manifestações da cultura corporal. Esta abordagem objetiva promover autorreconhecimento do estudante como parte do ambiente; aquisição de hábitos saudáveis para a própria saúde e para a saúde coletiva; refletir sobre os variados padrões de saúde e beleza da sociedade, entendendo seu lugar na cultura; desenvolver pensamento crítico sobre os padrões da mídia; desenvolver autonomia para solicitar, planejar e influenciar o ambiente; e, atentar-se para a busca de lugares apropriados para a promoção de práticas de atividades de lazer corporais.⁵⁷ O entendimento corporal e os estudos científicos interessados em avaliar as atividades do corpo fortalecem ações e mobilidades de desenvolvimento cultural.⁶³

⁵⁹ CAMILO; Filipe C.; PITOMBEIRA, Leymar P.; DEBIEN, Jurema B. P.; CANTANHEDE, Aroldo L. I. Abordagens pedagógicas na Educação Física: um estudo na educação infantil de Belo Horizonte. *Revista EFDeportes*, Buenos Aires, n. 146, 2010, [n.p.] [online].

⁶⁰ FERREIRA; SAMPAIO, 2013, [n.p.].

⁶¹ NOGUEIRA, 2005, p. 201.

⁶² BANDEIRA; SOUZA; SOARES; LOBO; ROCHA, 2014, p. 4.

⁶³ NOGUEIRA, 2005, p. 200.

Nos PCNs, as diversas atividades são informadas pelas diferentes etnias, sociedades e regiões, como componentes culturais valiosos que precisam ser aprendidos e vivenciados. Reforçam-se temáticas transversais como pluralidade cultural e meio ambiente. Nessa ótica, uma das atribuições da Educação Física seria inserir as pessoas nas áreas artísticas e culturais, aumentando o universo dos encontros interpessoais e da existência humana.⁶⁴

1.2.2 Corporeidade e Educação Física

Quando a criança inicia o processo de inserção na instituição escolar, a disciplina Educação Física direciona para o aprendizado corporal, trabalhando conteúdos de apoio ao cotidiano e aos esportes.⁶⁵ A Educação Física pode ser considerada na amplitude cultural e histórica que constrói o sujeito, da mesma forma em que é por ele desenvolvida. É necessário abster o conceito parcial de educação e de ser humano construído ao decorrer da história, para uma Educação Física que amplie o entendimento sobre o corpo humano.⁶⁶

A Educação Física torna possível aos discentes desenvolver habilidades corporais e atividades culturais. O aprendizado corporal promove autonomia cidadã e social importante para o mundo atual. Necessita-se que a aprendizagem corporal se dê adequadamente à experiência da criança. A Educação Física promove na criança a percepção de planejar e agir, por meio da aquisição de conhecimentos básicos para o desenvolvimento corporal.⁶⁷ Durante a idade escolar o indivíduo reintegra progressivamente o seu corpo, desenvolvendo propriocepção corporal, habilidades futuras de representações cerebrais e mudanças pessoais sobre o outro. Ou seja, limitando o seu próprio corpo em relação aos objetos do entorno através das práticas corporais vivenciadas no ambiente, evita possível déficit motor-corporal que possa trazer instabilidade e transtornos psicomotores futuros.⁶⁸

Para a aquisição de conhecimentos sobre o corpo é preciso haver informações sobre anatomia, fisiologia, biomecânica e bioquímica, qualificando a avaliação de programas de atividades físicas e os critérios a serem definidos na escolha e efetivação dos mesmos, para que sejam práticas corporais saudáveis laborais e/ou de lazer.⁶⁹ O esquema corporal pode ser definido como uma organização (dada como o início das várias possíveis ações) das sensações

⁶⁴ MEDEIROS; RAMOS, 2018, p. 319-323.

⁶⁵ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁶⁶ RIGONI, Ana Carolina C. *Corpos na escola: (des) compassos entre a Educação Física e a Religião*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013a. [online]. p. 82.

⁶⁷ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁶⁸ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁶⁹ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

relacionadas ao corpo, vinculadas ao entorno. É a forma a qual o indivíduo manipula objetos, arremessa e se move no espaço e também contempla os sentidos visual e auditivo, e as sensações de alegria, choro, dor e prazer. É preciso haver a maior quantidade possível de estímulos que promovam a propriocepção corporal, quanto mais experiências corporais, maiores são as possibilidades do sujeito de perceber e diferenciar, manipular e observar o próprio corpo.⁷⁰

Existem atividades que ativam o desenvolvimento do esquema corporal, tais como as que nomeiam partes do corpo, identificam fissuras, diferenciam tecidos moles de rígidos, pesados de leves, pequenos de grandes, lisos de ásperos, sensitivos de insensíveis, músculos relaxados de contraídos, bem como associar tais partes do corpo com outras áreas de aprendizagem como, por exemplo, a geometria. A promoção do esquema corporal é de significativa importância quando o indivíduo absorve seus conteúdos e automatiza o esquema motor, visto que quando não ocorre, pode ocasionar dificuldades na área motora, como: deficiência na coordenação, postura inadequada e lentidão; na área perceptiva tal como: problemas na estrutura espaço-temporal e na área social tal como: dificuldades nas relações afetivas com outras pessoas.⁷¹

Ao conseguir alcançar um esquema corporal organizado, é proporcionado ao sujeito o conhecimento e domínio do seu próprio corpo, fazendo-o obter autonomia diante de suas atitudes e movimentos. Assim, adquire uma predisposição corporal para ser capaz de se colocar no meio espacial em relação aos outros e de perceber suas descobertas evolutivamente. Percebe e encontra as pessoas, os fatos e os objetos em relação a si e entre eles. É preciso que esta habilidade seja bem trabalhada para interferir positivamente no desenvolvimento das demais habilidades motoras.⁷²

A criança necessita receber experiências variadas e estímulos diversos de acordo com a sua faixa etária, com o intuito de conhecer seu corpo, conseguindo, assim, desenvolver-se com uma estruturação adequada, evitando possíveis transtornos. Os professores de Educação Física precisam compor suas aulas com práticas corporais que promovam o aprendizado sobre o corpo, atentando-se para a utilização de tudo que proporcione atividades que ensinem sobre o corpo, fazendo com que a criança se desenvolva em cada fase integralmente, sem haver qualquer comprometimento afetivo, social, cognitivo e/ou motor.⁷³

⁷⁰ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁷¹ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁷² KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

⁷³ KERSCNER; CAUDURO, 2013, [n.p.].

Além disso, os resultados obtidos pela prática de atividades físicas podem gerar prazer, não necessariamente instantâneo, uma vez que, para se alcançar este prazer ou realização, requer-se disciplina através de atividades físicas, com árduo esforço.⁷⁴

A disciplina Educação Física não pode se concentrar pontualmente no ambiente escolar, devendo criar uma cultura de prática de atividades físicas ao longo da vida. Na mesma linha, ensinar somente para promover o lazer é um conceito reducionista de Educação Física, que a concebe como um mero momento de socialização. A corporeidade é instância fundamental para a Educação Física, conectando-a com outros setores da vida em sociedade.

Em relação às apresentações do corpo, a educação ocidental teria dado mais importância para a razão.⁷⁵ Fazendo frente a isso, a expressão corporal está cada vez mais presente na Educação Física, na educação em geral e nas áreas sociais. Em relação à sexualidade, a cultura corporal de movimento e suas atividades, são áreas de promoção simbólica, onde o indivíduo interage com o outro e culturalmente. Danças, lutas e jogos representam, assim, a oportunidade de externar emoções afetivas e sentimentais, de mostrar anseios, sedução e exibição pessoal. A interlocução acontece seguindo padrões internos da cultura corporal de movimento, englobando princípios, regras, ações, significados e preconceitos inevitáveis. As atividades da cultura corporal de movimento podem promover uma inter-relação e um desenvolvimento de autoimagem para os jovens. Porém, se não for abordada cuidadosamente, pode se tornar uma influência ameaçadora e negativa à construção desta autoimagem.⁷⁶

A cultura corporal é tão importante que a instituição escolar a usa de maneira a reproduzi-la e a fazer com que o discente adquiria a mesma reflexivamente e pensante para se tornar, de fato, um cidadão. Educação Física promove uma função significativa, visto que o educando está em desenvolvimento das funções cognitivas, motoras, psicológicas, sociais e emocionais, passando do egocentrismo para a coletividade, especialmente na Educação Infantil, mas alcançando, também, outros momentos.⁷⁷

⁷⁴ RIGONI, 2013a, p. 81-82.

⁷⁵ “A divisão do homem em corpo e mente tornou-se lugar comum no pensamento das sociedades ocidentais. Uma hierarquia foi estabelecida, colocando-se o corpo como subordinado à mente, o sensível como inferior ao inteligível, e a experiência como menos válida que a razão. Esse processo de configuração do pensamento ocidental é denominado racionalismo [...] Essa forma de pensar, que marcou profundamente toda a tradição posterior do pensamento ocidental, além de apartar corpo e mente, estabeleceu tamanha hegemonia da razão que o corpo, não raro, passou a ser entendido até como um obstáculo para o desenvolvimento das condições intelectuais”. ROBLE, Odilon José; MOREIRA, Maria Inês Badaró; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza. A educação física na saúde mental: construindo uma formação na perspectiva interdisciplinar. *Interface*, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 567-578, 2012. [online]. p. 568.

⁷⁶ MEDEIROS; RAMOS, 2018, p. 319-323.

⁷⁷ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

O corpo é a expressão de variadas formas e ajustes, conciliações que dependem da rotina. Há muitas capacidades de ajustes e acomodações em relação à utilização do corpo e religião na área escolar e na Educação Física.⁷⁸ Pensar essa relação é um desafio.

1.2.3 Religião, corpo e Educação Física

A relação entre corpo, religião e Educação Física não é comumente pesquisada no campo da Educação Física. Alguns trabalhos foram produzidos na área de Ciências das Religiões, ajudando a aprofundar a temática.⁷⁹ Essa dissertação buscará analisar essa relação a partir das Ciências das Religiões na interface com a Educação Física.⁸⁰

Alguns pesquisadores fazem uma contraposição entre as abordagens típicas da Educação Física e as abordagens típicas da religião. Uma estaria centrada no corpo e a outra no espiritual. A Educação Física estaria promovendo o aprendizado de valores em relação ao cuidado corporal e ao aumento de vivências de práticas corporais, modelando corpos, enquanto a religião estaria trabalhando a “imagem” espiritual.⁸¹ Contudo, o que se entende por Educação Física hoje está para além do meramente corporal, incluindo cultura e toda vivência humana. O aspecto religioso pode aparecer, ora mobilizando o corpo para atividades saudáveis em um equilíbrio geral, ora produzindo restrições, como o caso das igrejas mais austeras em relação às práticas de esportes e produções artísticas.⁸² Há um mútuo campo de possibilidades.⁸³ Essa é uma das razões para se estudar a relação entre Educação Física e religião, subsidiando e capacitando o profissional para lidar com o fenômeno religioso no exercício da sua profissão.

⁷⁸ RIGONI, 2013a, p. 74.

⁷⁹ FERREIRA, Maria E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Revista Ciência e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 47-61, 2010. [online]. p. 48.

⁸⁰ Letícia Silva defendeu uma tese de doutorado em Educação Física relacionada à religião, bem como há artigos publicados sobre o tema. André Camargo e Bruno Silva, por exemplo, realizaram pesquisas de mestrado sobre a interface Educação Física e religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. SILVA, Letícia Rodrigues Teixeira. *As práticas corporais na Renovação Carismática Católica: orações, danças e aventura no Projeto Juventude Fiel*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. [online]; CAMARGO, André Luiz Lopes. *O mover do corpo sagrado: implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos no município de Vila Velha (ES)*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. [online]; SILVA, Bruno Machado Belisario. *O problema do dualismo corpo e alma: por uma visão integral do ser humano nas aulas de educação física*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. [online].

⁸¹ RIGONI, 2013a, p. 85.

⁸² BETTI, Mauro; LIZ, Marlene T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, 2003. p. 137.

⁸³ RIGONI, 2013a, p. 72.

Sobre as atividades corporais, os sujeitos religiosos e suas respectivas instituições buscam conciliar os hábitos e as rotinas religiosas com o cotidiano da sociedade. Nesse proceder, há certa adaptação às rotinas ligadas ao corpo.⁸⁴ Em simultâneo, a perspectiva religiosa não endossaria o discurso centrado na beleza do corpo, prazer ou lazer, estando mais inclinada às questões que envolvem saúde corporal e coletiva. No discurso religioso podem surgir falas contrárias às práticas de certos jogos, por serem vistos como de muita exposição do corpo, perigosos ou por promoverem competição desenfreada.⁸⁵

Em uma pesquisa etnográfica de doutorado realizada por Ana Rigoni em 2011 e publicada em 2013 sobre a Educação Física e as tensões com a religião, é possível destacar vários aspectos. Em primeiro lugar, a pesquisadora acompanhou cinco mulheres pentecostais (Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus) cursando os anos finais do Ensino Médio em São Paulo. As opiniões das alunas sobre a Educação Física vinham formatadas desde a igreja e com muitas reservas em relação à disciplina escolar, em rota divergente do objetivo da Educação Física, que tem o intuito de promover e informar os cuidados corporais essenciais.⁸⁶

Em segundo lugar, quando perguntadas sobre as tensões envolvendo a igreja e a prática de atividades corporais, as explicações fornecidas giravam em torno das compreensões específicas do grupo religioso sobre as noções de *corpo*, *espírito* e *mundo*, em que mundo e corpo estariam unidos em um conflito dualista contra o espírito. Em relação às roupas, as pesquisadas pentecostais relataram usarem somente saias por imposição da igreja, inclusive na escola e nas aulas de Educação Física. Tais roupas dificultam a prática de diversas atividades físicas que requerem roupas maleáveis e adequadas ao favorecimento da predisposição corporal, além de gerar constrangimento para as estudantes.⁸⁷ Em um determinado relato sobre a não participação nas aulas de Educação Física, uma das pesquisadas disse que não possuía o hábito de participar, pois, não se sentia à vontade estando de saia. Apesar da mãe deixá-la jogar vôlei, a roupa atrapalhava nos movimentos que fazia durante o esporte.⁸⁸

Outra jovem pesquisada relatou que decidiu consultar o pastor sobre o assunto, mas não obteve autorização para utilizar calças nas aulas de Educação Física. O pastor teria

⁸⁴ RIGONI, 2013a, p. 73.

⁸⁵ SILVA FILHO, José Carlos Almeida. *Capoeira, religião e educação física: amálgama entre religiosidade, cultura e personalidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. [online].

⁸⁶ RIGONI, 2013a, p. 75-77.

⁸⁷ RIGONI, 2013a, p. 75-77.

⁸⁸ RIGONI, 2013a, p. 78.

permitido a prática de determinadas atividades físicas, como o vôlei, mas alegou que o uso de calças poderia “manchar” a reputação da igreja. Segundo ele, Deus não aprovaria estas ações e o Espírito Santo não habitaria mais o corpo dela. Essas restrições impedem o envolvimento dessas pessoas nas atividades corporais, pois até em passeios da escola, como trilhas e bosques, é recomendável ir de calças.⁸⁹

Em terceiro lugar, fica o desafio da Educação Física em promover experiências de atividades físicas acessivelmente a todos, considerando a amplitude cultural, religiosa e histórica dos estudantes, sem tirar sua responsabilidade na *desmitificação* de paradigmas que limitem o corpo.⁹⁰ Tem-se a liberdade religiosa de um lado, com suas crenças e práticas, e de outro, a educação e a ciência, com novas leituras e novas práticas; no meio, as pessoas, especialmente crianças, jovens e adolescentes, tendo que lidar com essas tensões no ambiente escolar.⁹¹ É imprescindível que o profissional de Educação Física tenha formação crítica capaz de lidar com o fenômeno religioso nesse ambiente.

O presente estudo aponta para as implicações da relação entre religião e Educação Física, seus desafios, obstáculos, barreiras e preconceitos, envolvendo especialmente o corpo, o ambiente escolar e a religião. O próximo capítulo afunilará na EFE, para possibilitar a articulação final no capítulo três, sobre a relação da EFE com a religião.

⁸⁹ RIGONI, 2013a, p. 78-79.

⁹⁰ RIGONI, 2013a, p. 83.

⁹¹ RIGONI, 2013a, p. 85. Ver, também: MANSUR, Ofélia Machado. A evasão nas aulas de educação física escolar na percepção, dos/das docentes de educação física em função da expressão religiosa discente. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2019. [online].

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (EFE)

Pretende-se, neste capítulo, refletir sobre alguns aspectos da EFE, como o seu estabelecimento no Brasil, seus princípios teórico-práticos e sua atuação entre as faixas etárias desde o berçário. As mudanças no papel social da escola ao longo dos anos contribuíram para transformar o plano pedagógico escolar e conseqüentemente a aplicação da Educação Física. Primeiro, busca-se mapear a evolução das diferentes visões da aplicação da referida disciplina na história brasileira e suas transformações teóricas. Discute-se a concepção de corpo na sociedade, os efeitos da religião sobre o corpo e o papel escolar na formação social. Com essas premissas, pode-se descrever os impactos sobre os princípios teórico-práticos da EFE.

2.1 Histórico do estabelecimento da EFE

As disciplinas escolares, e a Educação Física não seria uma exceção, passaram por um processo de adaptação e evolução ao longo dos anos no Brasil. Como visto no capítulo anterior, a EFE tinha ênfase *higienista* até os anos de 1930, com foco no corpo sadio através da prática de atividades físicas, tanto masculino como feminino, “com a finalidade de buscar a resolução de problemas relacionados à saúde pública por meio da educação”⁹². A próxima fase, a *militar*, foi de 1930 a 1945:

Um período de extrema militarização do corpo pelo exercício físico, busca pelo aprimoramento da raça e da melhoria na força de trabalho, obediência e o desenvolvimento de um pensamento que unia a defesa da pátria com a colaboração civil por meio do esporte.⁹³

O esporte passou a integrar um papel civil, gerando um processo de uma EFE reflexiva. A fase seguinte, identificada como *pedagógica*, foi de 1945 a 1964:

Seguiu, então, a forma da educação liberal, a qual buscava a formação de um cidadão voltado aos valores da sociedade vigente. E que em um primeiro momento, discutiu uma nova concepção de Educação Física, mas que apesar de sua contribuição, não fugiu à reprodução dos ideais conservadores.⁹⁴

Não muito diferente seria a próxima fase, *competitivista*, que se iniciou a partir de 1964, nesse período coube à Educação Física “o papel de colaborar, por meio de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do

⁹² GUIRRA, Frederico J. S. A Educação Física no Contexto escolar: novos olhares, velhas práticas. *Revista Facisa*, Barra do Garças, v. 02, n. 01, p. 45-55, 2013. [online]. p. 47.

⁹³ GUIRRA, 2013, p. 47.

⁹⁴ GUIRRA, 2013, p. 47-48.

movimento estudantil no contexto universitário”⁹⁵. Os movimentos operários e populares passaram a reivindicar melhores estruturas para práticas esportivas nas cidades para todas as faixas etárias, inclusive para a infância. Isso colocava a Educação Física em um papel histórico.⁹⁶ A fase competitivista influenciou a EFE. A seguir, aprofunda-se na questão do corpo na sociedade.

2.1.1 A concepção do corpo na sociedade

Gonçalves e Azevedo descrevem a concepção do corpo na sociedade nos seguintes termos:

A apresentação física de si passa a valer socialmente como se fosse a apresentação moral: pessoas de traços fisionômicos finos, brancas e bem vestidas são vistas como de ‘boa índole’, angelicais e a elas não seria atribuído nenhum tipo de preconceito ou crime, pois a composição de sua aparência aproxima-se do ideal produzido ideologicamente, e as de traços contrários a esse modelo, estabelecido socialmente, seriam vistas como de ‘má índole’.⁹⁷

Complementando: “dentro desse cenário, a chamada indústria cultural, de acordo com Detrez, exerce forte poder sobre o corpo humano e o influencia com uma exposição de exemplos magros e malhados, idealizando estereótipos invejáveis”⁹⁸. O corpo tornou-se artificial, e o seu bem-estar passa pelos “cuidados” na busca por um corpo perfeito.⁹⁹ Isso expande o mercado de produtos e serviços na busca por um corpo estetizado, desde implantes de silicones até cirurgias plásticas de todos os tipos. Um conceito forte de corpo em partes e com funções meramente mecânicas, desvalorizando todos os aspectos emocionais.¹⁰⁰ Maturana resume: “Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano”¹⁰¹.

Características presentes na condição humana, como afetividade, sensibilidade, emoção e sentimentos, devem ser consideradas numa abordagem integral. O ser humano é algo complexo por estar vivo em um mundo vivo.¹⁰² A sociedade atual tem interesse

⁹⁵ GUIRRA, 2013, p. 48.

⁹⁶ GUIRRA, 2013, p. 48.

⁹⁷ GONÇALVES, Andreia S.; AZEVEDO, Aldo A. A Re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo do corpo ideal construído na contemporaneidade. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 201-219, 2007. [online]. p. 207.

⁹⁸ DETREZ, 2002 *apud* GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 208.

⁹⁹ FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H. de A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. *Revista Holos*, Natal, a. 28, v. 4, p. 148-157, p. 2012. [online]. p. 151.

¹⁰⁰ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 151.

¹⁰¹ MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

¹⁰² FREIRE; DANTAS, 2012, p. 152.

exagerado pelo corpo, buscando corrigi-lo e submetê-lo a determinado padrão estetizado pela mídia, fazendo com que as pessoas não se aceitem como realmente são, induzindo-as a buscar verdadeiras metamorfoses corporais.¹⁰³ Para sustentar essa concepção, Freire e Dantas destacam:

vivido como acessório da pessoa, artefato da presença, implicado em uma encenação de si que alimenta uma vontade de se reapropriar de sua existência, de criar uma identidade provisória mais favorável. O corpo é então submetido ao *design* às vezes radical que nada deixa inculto.¹⁰⁴

Devemos pensar o corpo na sociedade considerando a interconexão entre o mundo da cultura e o mundo da natureza.¹⁰⁵ Nesse sentido, cuidar do corpo significa cuidar da sociedade.¹⁰⁶

2.1.2 Religião e concepção do corpo

Pensar o corpo entre cultura e natureza, remete a um pensamento dualista do ser humano, em que mente e alma eram tratados como mais elevados, enquanto o corpo foi reduzido a algo pecaminoso.

Enquanto a alma é pensada em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar na contemplação serena da vida. Considerado seu duplo vergonhoso, o corpo padecer e está fadado a padecer, pois, diferentemente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações do desejo aos perigos da corrupção.¹⁰⁷

Essa concepção de corpo se firmou na cultura ocidental, forçando uma rivalidade entre mente/alma e corpo. O corpo se transformou na soma de partes, como uma máquina, que pode ser compreendida separadamente.¹⁰⁸ Algumas correntes, no entanto, criticavam essa concepção mecânica, e buscaram mais integração.¹⁰⁹ O corpo passa por um novo olhar, considerado agora como espaço de visibilidade, linguagem e parte da história. É a compreensão do ser-no-mundo e sua comunicação através da linguagem e expressão, caracterizando sua verdade.¹¹⁰

¹⁰³ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 153.

¹⁰⁴ LE BETRON, 2003 *apud* FREIRE; DANTAS, 2012, p. 149.

¹⁰⁵ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 149.

¹⁰⁶ GUIRRA, 2013, p. 54.

¹⁰⁷ SANT'ANNA, 2001 *apud* FREIRE; DANTAS, 2012, p. 150.

¹⁰⁸ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 150.

¹⁰⁹ RIGONI, Ana Carolina C.; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 875-894, 2014. [online]. p. 879.

¹¹⁰ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 879.

A divisão secularizada entre as esferas política e religiosa teria contribuído para o crescimento de novos movimentos religiosos. A visão de pluralidade religiosa, permitindo escolhas individuais, permitiu diluir vínculos comunitários anteriores. Mudando de religião a pessoa pode se individualizar, uma vez que se abstrai dos vínculos herdados.

Segundo a leitura weberiana de Pierucci, além da ‘secularização’, temos outro fenômeno aliado a este que influenciou no processo de racionalização do mundo, ao que o autor se refere como ‘desencantamento’. Com base na ciência e na filosofia, as explicações sobre o mundo colocam os argumentos mágico-religiosos em segundo plano. Estes dois processos, ‘secularização’ e ‘desencantamento’, modificaram a noção de corpo na medida em que este foi dessacralizado.¹¹¹

De acordo com Rigoni e Daolio, existe um desequilíbrio das instituições que transformam as *formas de acreditar* no contemporâneo. Os espaços religiosos, cada vez mais, reduziriam sua capacidade de prover social e culturalmente, formatos obrigatórios e limitações de práticas e crenças. Isso não quer dizer que a perspectiva religiosa tenha sucumbido e desaparecido, mesmo porque as referências religiosas seguem presentes, porém, a forma como agem sobre as pessoas e a cultura muda constantemente.¹¹²

Se, como afirma Almeida, o que parece é que as coisas religiosas estão ao mesmo tempo se expandindo e se dissolvendo, então a ideia de desencantamento parece não se sustentar e, portanto, sugerimos que não serve como argumento para afirmar que as ‘referências sagradas’ deixam de gerar implicações sobre os ‘usos do corpo’. O fato é que, mesmo parecendo perder força e autoridade sobre a vida cotidiana, a religião ainda é significativa quando o que está em jogo é o agenciamento do comportamento dos indivíduos.¹¹³

Isso passa a influenciar o papel da escola nesse indivíduo, considerando a cultura e o corpo nesse momento histórico.

2.1.3 O papel escolar na formação social e corporal

A escola ocupa local de relevância na formação social. Gonçalves e Azevedo destacaram que, segundo Foucault, na escola se exerce alto poder de persuasão capaz de disciplinar o corpo. Desde os séculos XVIII e XIX, a escola se tornou um lugar para promover novas ações racionais e voluntárias, enquanto reprime nos corpos os movimentos involuntários.¹¹⁴

¹¹¹ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 879.

¹¹² RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 879.

¹¹³ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 880.

¹¹⁴ FOUCAULT, 1986 *apud* GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 212.

Guirra destaca que a educação também sofreu influência com a evolução do capitalismo, porque a burguesia teria instrumentalizado a instituição escolar: “a ideologia da classe burguesa, sempre projetou seus olhares para o domínio das massas, e nesse contexto, a escola possuía um papel fundamental no processo de cooptação das classes menos favorecidas”¹¹⁵. Sacristán, no que lhe concerne, afirma que a prática docente não é separada do estado cultural e psicológico dos docentes. A vivência cultural do docente é crucial para a forma de estabelecer a prática do ensino: “trata-se de um processo em que a própria experiência cultural do professor é determinante”¹¹⁶.

Nessa mesma linha, Gonçalves e Azevedo sustentam que as práticas escolares tendem a perpetuar os modelos de leitura de mundo, que “consiste na supervalorização das operações cognitivas e no distanciamento do corpo, pretendendo não somente discipliná-lo, mas obscurecer seus sentimentos, ideias, lembranças e até mesmo anulá-lo”¹¹⁷. Tem-se, dessa forma, a valorização das ações cognitivas em detrimento do corpo.

Forquin define cultura escolar como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que selecionados, organizados, ‘normalizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas.¹¹⁸

As definições passam também a influenciar a aprendizagem:

a aprendizagem dos conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem se movimentar em cadeiras enfileiradas, mas, sobretudo pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo, e o conhecimento é feito de forma fragmentada, abstrata e sem significação para o aluno.¹¹⁹

A escola tem uma função importante na sociedade relacionada ao corpo na aprendizagem. Freire e Dantas afirmam: “é fundamental que se abra um espaço para a construção de representações do corpo e dos valores que a ele se atribui”¹²⁰. Deve-se atentar para a utilização deste campo como um local de reflexão sobre ações e pensamentos, ao mesmo tempo, em que se desmistifica estereótipos e estigmas. Dessa forma, contribuirá para o desenvolvimento do indivíduo e humanizará a prática pedagógica.

¹¹⁵ GUIRRA, 2013, p. 46.

¹¹⁶ SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional do professor. In: NÓVOA, António (org). *Profissão professor*. 2. ed. Lisboa: Porto, 1995, p. 63-92. p. 67.

¹¹⁷ GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 212.

¹¹⁸ RODRIGUES, Leonardo L.; BRACHT Valter. As culturas da Educação Física. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, 2010. [online]. p. 97.

¹¹⁹ GONÇALVES, 1994 *apud* GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 213.

¹²⁰ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 149.

A educação torna-se uma força transformadora no projeto de humanização e emancipação do homem, focalizando como ponto central a corporeidade. A prática educativa enquanto processo de aprendizagem é um campo amplo de possibilidades de resgatar no ser humano a sensibilidade, a criatividade, o encontro consigo mesmo e com os outros. Desse modo, reconhece-se o ser humano como ser ativo e participante na construção da sua corporeidade, na busca dos anseios de transformação e libertação.¹²¹

A compreensão do sujeito no processo escolar passa a ser construída na relação com o objeto. Caso contrário, como indica Guirra, a instituição escolar tornar-se-ia uma prisão e o docente perderia sua funcionalidade importante de ajudar na evolução e na compreensão de conteúdos que influenciam a sociedade e sua transformação. Nesse contexto, a escola se porta como um espaço no qual o que foi aprendido é mudado para o *desaprendido*, não atendendo ao desenvolvimento pessoal dos discentes nem para sua formação como cidadão.¹²² A instituição escolar deve ser organizada por diversos dispositivos da sociedade, que são construídos historicamente. Envolve desde as áreas científicas e pedagógicas, até a área política e religiosa. A escola reproduz uma cultura social específica que interage com diversas outras culturas. Isso impacta na formação integral do indivíduo que integra a sociedade.¹²³

2.2 Princípios teórico-práticos da EFE

Para Guirra, no âmbito da educação, a Educação Física apresentou como principal objetivo de atuação o corpo, sendo este um corpo dinâmico, produtivo, saudável e forte, ela mostrou em diversas sociedades e tempos, através da expressão corporal, os desejos das classes econômicas dominante. Segundo Melo, a Educação Física expressa a maneira como as pessoas se portam na sociedade capitalista.¹²⁴

Em se tratando dessa disciplina no currículo escolar, Soares, Taffarel e Escobar afirmam que:

A Educação Física, como disciplina do currículo escolar, não tem, portanto, tarefas diferentes do que da escola em geral. Sendo assim, considerações a seu respeito não podem afastá-la da responsabilidade que a população brasileira exige da escola: ensinar, e ensinar bem.¹²⁵

¹²¹ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 156.

¹²² GUIRRA, 2013, p. 54.

¹²³ NOGUEIRA, 2005, p. 205.

¹²⁴ GUIRRA, 2013, p. 46.

¹²⁵ SOARES, C.; TAFFAREL, C.; ESCOBAR, M. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993. p. 211-224. p. 212.

Para Gonçalves e Azevedo, a Educação Física “o corpo é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que de alguma forma o distingue dos outros; ou ‘um fator de individualização’, segundo Durkheim, no qual são feitas modificações no intuito de corrigir as imperfeições e ser mais bem aceito socialmente”¹²⁶.

Ao compor a estrutura curricular escolar, a Educação Física passa a ser influenciada como qualquer outra disciplina pelos fatores que impactam a instituição escolar e a cultura social, na qual está inserida.

2.2.1 A influência da instituição escolar na Educação Física

A Educação Física é influenciada pela instituição escolar no contexto histórico social, enquanto disciplina escolar:

Temos abordado a temática da construção da EF, considerando a lógica de que a escola é uma instituição social que trata estratos da cultura (em uma concepção mais ampla), segundo uma seleção metódica de conteúdos culturais, representados, mormente, pelos diferentes componentes que compõem os currículos escolares, nos quais a EF tem figurado.¹²⁷

Para Velozo o corpo, a esportivização, as danças, as ginásticas, os jogos e as lutas podem ser abordados em variados sentidos, estudos e disciplinas, podendo a Educação Física colocar em destaque a sua especificidade na intervenção pedagógica utilizada.¹²⁸

Nogueira, complementa Velozo, dizendo que os assuntos que permeiam a cultura mostram uma opinião sobre a Educação Física como um fazer cultural e outra opinião, que procura se atentar para a reflexão de que as atividades corporais envolvem questões econômicas, políticas, históricas, culturais, entre outras.¹²⁹

Nogueira retrata:

Se, numa perspectiva tradicional, tais conhecimentos se limitavam a um fazer instrumental, para a perspectiva crítica-superadora, outros temas fariam parte do conjunto de conhecimentos necessários aos alunos, como por exemplo, a compreensão dos sentidos e significados dos temas da cultura corporal e suas relações com grandes problemas sociopolíticos (ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais de trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, etc.). São temas como estes que permitem enxergar o papel das práticas corporais na

¹²⁶ GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 206.

¹²⁷ RODRIGUES, BRACHT, 2010, p. 96.

¹²⁸ VELOZO, Emerson L. Educação física, ciência e cultura. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 79-93, 2010. [online]. p. 83.

¹²⁹ NOGUEIRA, 2005, p. 199.

manutenção das contradições, desigualdades e injustiças sociais presentes na sociedade capitalista.¹³⁰

Seguindo o raciocínio de Nogueira, o movimento dos esportes pode ser realizado com significados e sentidos historicamente capazes de produzir informações e conhecimentos que promovam ações competentes, estratégias e aprendizagens. Além disso, deve promover a compreensão das relações socioculturais e produzir no aluno a compreensão do esporte. Ao evoluir e adquirir tais competências, no coletivo, os alunos se libertam e desenvolvem a razão crítica.¹³¹

Para Gonçalves e Azevedo, a Educação Física na escola deve considerar as relações humanas com a saúde e o corpo, considerando a integralidade do ser humano. O intuito é o de desmistificar as práticas atuais, suas ideologias e seus valores educacionais. Assim, a variedade de opções e oportunidades possibilitaria ao discente refletir criticamente sobre os modelos e os padrões que permeiam a atuação da EFE, impostos pela sociedade.¹³²

A Educação Física utilizou conceitos segmentados da realidade e do ser humano, quando retratou o seu objeto de estudo como sendo o “homem físico-motor”, isto é, apresentado quando demonstra a sua inter-relação com a saúde, dizendo poder contribuir com a promoção da mesma, a despeito de poder ser mensurada e avaliada, sem ser vinculada às outras dimensões da vida humana.¹³³

Contribuindo com o tema, Bracht e Rodrigues descrevem:

A superação de duas concepções da relação entre a escola e a cultura foi importante para a valorização da escola como produtora de cultura: a superação da retificação da cultura, quando se faz da cultura uma realidade substancial, que existe independentemente das ações e das intenções dos indivíduos; e a interação entre as sociedades, todas as sociedades estão em um processo contínuo de interação, superando a ideia de existência de uma sociedade monocultural.¹³⁴

Complementando esta concepção, Gonçalves e Azevedo destacam que a Educação Física possui uma função crucial de buscar conceitos que objetivem a independência corporal e sua ressignificação, apoiados por uma reflexão crítica do ambiente real onde o sujeito está colocado, não sendo apenas reprodutora. O desafio é proporcionar que transformações e quebras de paradigmas sobre o corpo sejam efetivadas, podendo aniquilar a reprodução dos padrões estéticos e possibilitar inovação da interação entre o corpo e o ser humano.¹³⁵

¹³⁰ NOGUEIRA, 2005, p. 201.

¹³¹ NOGUEIRA, 2005, p. 201.

¹³² GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 215.

¹³³ GUIRRA, 2013, p. 50.

¹³⁴ RODRIGUES; BRACHT, 2010, p. 104.

¹³⁵ GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 216.

O fato de alguns alunos serem excluídos das aulas de Educação Física por não terem aptidões físicas necessárias, e somente os melhores serem escolhidos, colabora para que no futuro estes alunos se sintam igualmente excluídos social e profissionalmente. Isso ocorreria porque tais professores não conhecem os conteúdos que servem de base para a prática pedagógica e desconhecem o meio cultural envolvido.¹³⁶ O papel do professor de Educação Física é impactado pela instituição escolar.

Em suma, o leitor pode extrair desta seção a reflexão de que as atividades corporais englobam também aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos, visto que a EFE precisa acontecer considerando as relações humanas com a saúde e o corpo do indivíduo de forma integral, a “cereja do bolo” é promover transformações e quebras de paradigmas sobre o corpo. Os alunos adquirem o pensamento crítico e a liberdade ao se desenvolverem e aprenderem, no coletivo, sobre os conteúdos relacionados à compreensão do esporte, das atividades corporais em geral e às relações socioculturais.

2.2.2 A influência da instituição escolar sobre o professor de Educação Física

Na expectativa de compreender o tema, Gonçalves e Azevedo descrevem: “O professor de Educação Física, assim como os professores de outras áreas, é um educador e a ele não compete apenas transmitir informações. Ele também representa o processo educacional que vai além dos conteúdos”¹³⁷. E continua: “Podemos vislumbrar a presença de uma tendência antiga, mas que persiste nos campos da escola: a de que a Educação Física possui ainda um caráter higienista”. Gonçalves e Azevedo comentam:

A partir da primeira década do século XIX, a Educação Física é sistematizada em ‘métodos’, ganha foros científicos e é disseminada como ‘grande bem’ para todos os ‘males’, como protagonista de um corpo saudável porque faz exercícios físicos. Entretanto, o exercício físico não é saudável em si, não gera saúde em si, é apenas e tão somente um elemento, num conjunto de situações que pode contribuir para um bem-estar geral e, neste sentido, aprimorar a saúde, que não é um dado natural, um a priori. Ao contrário, a saúde é resultado, porque, mais que vigor físico corporal, compreende o espaço de vida dos indivíduos, daí não ser possível medi-la, nem avaliá-la apenas pela aparência de robustez ou de fadiga.¹³⁸

Para elucidar o tema, Chauí *apud* Guirra, afirma:

Vivemos numa sociedade de classes que se utiliza de um discurso ideológico para alienar as pessoas e manter o poder da classe dominante. A ideologia separa o

¹³⁶ GUIRRA, 2013, p. 50.

¹³⁷ GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 214.

¹³⁸ SOARES, 2001 *apud* GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 214.

sujeito do objeto na construção de uma pretensa objetividade'. Nesse sentido, então, a escola não deveria ser um local destinado à diferenciação de classes sociais e de demonstração de poder, mas deveria ser um lugar ímpar, neutro, onde pessoas interagissem em busca de um conhecimento capaz de modificar e contribuir com os interesses do grupo e da sociedade.¹³⁹

O professor de Educação Física deve considerar no contexto pedagógico todas as dimensões humanas, para superar “a educação física tradicional que considerou o homem uma entidade primordialmente biológica, desconsiderando ou secundarizando suas outras dimensões”¹⁴⁰.

Para Rigoni e Daolio, a aula de Educação Física em que o professor se porta com devida atenção aos valores que as atividades têm, faz promover a reflexão sobre os vários conceitos sobre ela, oportunizando aos discentes aprender e contrapor sobre temas, tais como religião, entre outros, com um perfil próprio de racionalismo científico e aprendizagem escolar.¹⁴¹

O professor de Educação Física precisa prover aos alunos vivências dos componentes do currículo das práticas corporais, além de ser mediador do desenvolvimento da relação do discente com as atividades corporais. Somente assim o docente conseguirá fazer refletir criticamente as informações sobre o corpo que os discentes já possuem de outras experiências. Precisa tornar possível uma ótica sobre o corpo em relação à área, o que promoverá o aumento da ótica do aluno em relação ao corpo, às vivências corporais e aos assuntos relacionados à Educação Física.¹⁴²

Para Guirra:

Essa visão de homem possui ainda hoje raízes muito profundas em nossa Educação Física, principalmente na escolar, podendo ser notada pela metodologia aplicada pelos professores em suas aulas e pela maneira como os corpos continuam obedecendo a um ritual de movimentos repetitivos e mecânicos, sem expressão, emoção e sentimentos, fazendo com que os alunos apenas reproduzam o que lhes é imposto.¹⁴³

A EFE trabalha com corpo, movimento e expressão corporal no âmbito da aprendizagem de novas experiências. É possível observar algumas exclusões, predominantemente por meio de professores que colocam à prova o trabalho didático-pedagógico.¹⁴³

¹³⁹ CHAUI, 1990 *apud* GUIRRA, 2013, p. 53.

¹⁴⁰ VELOZO, 2010, p. 84.

¹⁴¹ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 890.

¹⁴² RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 891-892.

¹⁴³ GUIRRA, 2013, p. 50.

Isso pode ser percebido no processo acadêmico, ao qual, passam os alunos em formação, para se tornarem os novos profissionais de Educação Física. Como destaca Guirra:

Os cursos universitários de formação profissional do professor de Educação Física, na tentativa de formar especialistas do esporte, ensinando a estes profissionais a mais especializada e evoluída tecnologia científica dos esportes, formam, na verdade indivíduos leigos para o exercício da profissão de professor de Educação Física na maioria das escolas brasileiras.¹⁴⁴

Na maior parte das vezes, na instituição escolar, nem o diretor nem o docente conseguirão distinguir o trabalho feito por uma pessoa que não tenha formação universitária, mas que goste de esportes e de ginástica, de um trabalho feito por um profissional formado.¹⁴⁴

Veloza observa que as técnicas dos esportes não são apenas movimentos mecânicos seguidos da física, mas são também fenômenos que trazem dimensões portadoras de significado, estética, forma e economia, tais como: social, biológica e psicológica.¹⁴⁵

Portanto, para Veloza: “uma aula de educação física, uma corrida no parque, um jogo de futebol, uma coreografia de dança são exemplos de fatos sociais totais. Desse modo, as ginásticas, os jogos, os esportes, as danças e as lutas devem ser analisados em sua totalidade, no momento da intervenção pedagógica”¹⁴⁶. Torna-se um desafio para o novo profissional transcender o que se aprende no meio acadêmico e transmitir ao indivíduo durante a aula. Como destaca Freire e Dantas:

A vivência do ato educativo é uma experiência que se dá através do corpo na sua relação com os objetos da educação. O ser humano não pode se conhecer e nem conhecer, se não compreende a essência de sua existência. Existe uma grande necessidade de se desvendar a importância do corpo na educação.¹⁴⁷

Nesse contexto, o docente precisa mediar atividades que proporcionem aos discentes a formação de linguagem e de movimentos com significados próprios. Para isso deve ensinar os conteúdos que tratam de âmbitos socioculturais, dos quais provém os acontecimentos e a corporeidade.¹⁴⁷

O desafio para o novo profissional aumenta à medida que sua capacidade de compreensão precisa se estender além das vivências corporais, como destaca Rigoni e Daolio:

Compreendendo a EF do ponto de vista das Ciências Humanas podemos considerá-la como uma disciplina que visa a uma ampliação em relação às experiências corporais, apesar de esse não ser seu objetivo último. Bracht ao elaborar uma

¹⁴⁴ GUIRRA, 2013, p. 52.

¹⁴⁵ VELOZO, 2010, p. 89.

¹⁴⁶ VELOZO, 2010, p. 91.

¹⁴⁷ FREIRE; DANTAS, 2012, p. 149.

discussão sobre a especificidade pedagógica da cultura corporal do movimento, alerta que o saber conceitual de que trata a EF envolve um duplo caráter.¹⁴⁸

Esta ambiguidade envolve a característica específica da área de “saber sobre o fazer” e o “saber fazer”. Para Bracht, cria-se outra polarização à medida que o movimento humano é consensualmente dado como objeto da área.¹⁴⁸ Assim, a discussão vem do pressuposto de escolher privilegiar uma educação *do* movimento ou *pelo* movimento. Sobre a cultura corporal de movimento, o objetivo da EFE foi dado como sendo o movimento, e por isso veio a ideia de que a Educação Física era um discurso sobre o movimento, sem o movimentar-se na ação pedagógica em si. Para ampliar o conceito sobre o movimento humano, a realidade e a comunicação com o meio, Bracht afirma que a Educação Física precisa considerar a estética e a sensibilidade nos caminhos das práticas corporais, e que o desafio é o “movimento-pensamento” e não o “movimento sem pensamento” nem “movimento e pensamento”.¹⁴⁸

Seguindo essa compreensão, Rigoni e Daolio descrevem como o novo profissional poderia usar na prática o conceito em sala de aula:

A possibilidade de ‘ser notado’ é algo incitado pela EF. Não estou afirmando que um professor, ao desenvolver uma atividade, provoque seus alunos à exposição conscientemente. A ideia de estar disponível ao olhar do outro pode não se aplicar a todas as situações e, ainda que isso não ocorra sempre de forma intencional, determinada parte dessa disciplina, ainda que não seja o modelo de EF que defendamos, está relacionada a um desejo de ‘destacar-se’.¹⁴⁹

A Educação Física que toma como modelo de ensino a “esportivização”, acaba promovendo uma disputa que exige posicionamentos de destaque dos alunos, obrigando-os a serem melhores tecnicamente, e ao assim proceder, ter que se destacar na prática corporal. Na profissionalização, terão a necessidade de “aparecer mais”, o que não seria adequado no contexto escolar. Para além dos esportes e alto rendimento, a simples competição na aula, potencializada pelo fato de possibilitar a observação do docente ou a de um(a) colega de sala considerado(a) importante, já promoveria a vontade de ser destaque.¹⁴⁹

O professor, portanto, deve se preocupar inclusive com o vestuário dos alunos nas aulas conforme descreve Rigoni e Daolio: “Nesse quesito, até mesmo a roupa que devem utilizar tem papel importante para ambas as práticas. Para praticar atividades físicas é aconselhável estar com os calçados e roupas adequados”¹⁵⁰. Nesse sentido, a EF - por meio dos esportes, das danças, das lutas, dos jogos e das ginásticas - teria como objetivos proporcionar o maior número de experiências possíveis das/nas práticas corporais, bem como

¹⁴⁸ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 891-892.

¹⁴⁹ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 888.

¹⁵⁰ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 888-889.

contribuir com o aprendizado das formas de cuidados corporais, a partir das noções de saúde, beleza e qualidade de vida.¹⁵¹

Assim, o professor passa a implementar as atividades físicas motoras compreendendo a expressão corporal como uma linguagem que vai além do movimento mecânico.¹⁵² Contudo, sabemos do papel do esporte enquanto busca por melhores rendimentos/resultados dos atletas. Isso também gera o desenvolvimento do indivíduo no contexto social em que vive conforme descreve Nogueira:

Sabemos também que hoje, no esporte de alto rendimento, é necessário que o atleta seja independente, inteligente e decidido. Tudo isso supõe um alto nível de liberdade de ação. Portanto, é urgente e necessário que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento que se oferece permita a aquisição de vivências esportivas que possam dar sustentação ao indivíduo, ao de defrontar com tais exigências. A isso acrescentamos que o denominado mundo globalizado também apresenta desafios nos quais a capacidade de percepção e de tomada de decisão são altamente requisitadas.¹⁵³

Seguindo na mesma compreensão, Nogueira descreve: “seria papel do professor/treinador criar tarefas-problemas para que o aluno/atleta aprenda a tomar decisões rápidas e eficazes, pois essas são as exigências que o esporte de alto rendimento nos coloca”¹⁵⁴. O professor pode, assim, em sala de aula, trazer a disciplina de Educação Física para além da prática motora, passando a ser algo transformador na vida do indivíduo. Ao referenciar a produção de significados, a Educação Física se transforma de uma atividade de produção de técnicas “supostamente livres de coerções”, para uma produção cultural de significados ao longo da história, por variados grupos, onde as atividades corporais se colocam envolvidas de relações potenciais ao ponto de tornar significados “hegemônicos em detrimento de outros”.¹⁵⁵

Os PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) indicam que:

A Educação Física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de participar de atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade, solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis e relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no

¹⁵¹ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 890.

¹⁵² NOGUEIRA, 2005, p. 200.

¹⁵³ NOGUEIRA, 2005, p. 206.

¹⁵⁴ NOGUEIRA, 2005, p. 206.

¹⁵⁵ NOGUEIRA, 2005, p. 212.

espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer.

O professor de Educação Física, enquanto condutor da disciplina em sala de aula, auxilia na integração do aluno à base nacional educacional. Base essa, influenciada pelo contexto histórico, onde os alunos estão inseridos.¹⁵⁶

Não se pode negligenciar ainda o aspecto da sexualidade que tangencia a prática da Educação Física. Em face do componente curricular, a EFE tem potencial para promover o aprendizado relacionado à sexualidade e ao gênero através da promoção de experiência de atividades corporais em um formato coeducativo, usando recursos que instigue os alunos a refletirem em relação às imposições sociais enquanto sujeitos formados para enfrentarem estas questões.

A sexualidade vai sendo composta durante a vida através de distintas formas pelos integrantes da sociedade. Tal como o gênero, vai sendo construída socialmente e se compõe de vários segmentos e comandos, como a instituição escolar, a familiar, a religiosa, a médica e a legislativa, em variados aspectos.

As inter-relações entre sexualidade, gênero e EFE foram se formando com o tempo, sendo necessário haver direcionamentos pedagógicos coerentes, mostrando a importância de sua função através de práticas pedagógicas e do ensino de conteúdo pertinente.¹⁵⁷

Há também a questão do estigma social, assunto importante e pertinente a ser abordado na instituição escolar, bem como na disciplina de Educação Física:

O estigma social está relacionado com as características particulares de um grupo ou indivíduo, cuja forma ou comportamento se opõe, de certa maneira, aos padrões considerados culturalmente normais nas tradições de uma determinada sociedade. Baseado neste contexto, o indivíduo estigmatizado sofre com a insegurança na convivência social com os ditos ‘normais’, levando à incerteza ocasionada pelos seguintes motivos: nunca saberá em qual categoria será colocado e, também, mesmo quando a colocação for favorável, intimamente, ficará sempre se sentindo estigmatizado ou fora do contexto social. A sensação de não saber aquilo que os outros estão realmente pensando dele, faz com que se sinta sempre em exibição. Assim sendo, qualquer acontecimento, seja qual for, será sempre avaliado como sinal de incapacidade, acarretando conflitos diversos em seu comportamento.¹⁵⁸ Estes são meios estabelecidos pela sociedade de categorizar os indivíduos e conferir atributos considerados comuns e naturais, para globalizar o ideal de normalidade determinado pela relação hegemônica nos ambientes sociais, excluindo, portanto, os

¹⁵⁶ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁵⁷ ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “sexualidade” na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019. p. 27.

¹⁵⁸ MATTOS, Rafael da Silva; GRIVET, Eliane; CASTRO, Juliana Brandão Pinto; ESPÍRITO SANTO, Wecisley Ribeiro; SABINO, César; RETONDAR, Jeferson José Moebus; GAMA, Dirceu. Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 97-113, 2019. p. 102.

indivíduos que não preencham as expectativas previstas nas relações sociais, constitutivas de um determinado grupo ou instituição.

A noção de estigma ajuda avaliar os nomeados “desvios sociais”, a reflexividade e as relações institucionais dos integrantes da sociedade que exercem funções e interferências nestes contextos.¹⁵⁹

Os professores de Educação Física, incluindo os professores das demais disciplinas, têm a função de passar informações motoras, mas, também, de ir além, fazendo parte do processo educacional dos discentes. Este processo tem um objetivo maior, pois, envolve o contexto pedagógico das áreas humanas. A aula de Educação Física engloba conteúdo e contexto social integralmente. Os educadores são demandados a propor práticas corporais considerando a expressão corporal como linguagem, para além do movimento mecânico.

A parte final desse capítulo tratará de duas aplicações específicas da EFE, sendo uma relacionada às faixas etárias e a outra à questão da saúde. É o que seguirá na próxima seção.

2.3 Aplicações da EFE

Esta seção está dividida em dois tópicos. No primeiro, considera a EF desde o berçário conforme a literatura acadêmica. No segundo e último tópico do capítulo, relaciona a EFE com a questão da saúde.

2.3.1 EFE desde o berçário

Os alunos são considerados indivíduos culturais sociais que possuem conhecimentos prévios compostos por cultura ampla ou não, inconsciente ou conscientemente, desenvolvidos por intermédio de suas experiências e oportunidades.¹⁶⁰ A Educação Física necessita contemplar a diversidade cultural promovendo o aprendizado das dimensões do corpo do ser humano, aumentando seus conceitos e vinculando o mesmo às sensações e compreensões, ligando a rotina à qual o estudante está inserido às novidades oriundas do processo educativo.¹⁶¹

¹⁵⁹ MATTOS; GRIVET; CASTRO; ESPÍRITO SANTO; SABINO; RETONDAR; GAMA, 2019, p. 104.

¹⁶⁰ ASSIS, Renata M.; MACIEL, Livia M. O professor de educação física na escola: consensos e conflitos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, XIII ENDIPE, 2006, Recife. Anais...* Recife: UFPE, 2006, p. 01-12. p. 4.

¹⁶¹ ASSIS; MACIEL, 2006, p. 8.

A Educação Física tem a função pedagógica de contribuir para que o indivíduo seja livre integralmente e de fomentar a autonomia do sujeito em relação à sua mobilidade e dignidade corporal.¹⁶² Nesse processo de vivência afetiva do movimento, o docente deve oportunizar na escola essa vivência, possibilitando sua continuidade para além do espaço escolar. É necessário preparar o aluno para a ludicidade e para o lazer, mesmo após a idade escolar, ampliando o desenvolvimento da cultura de movimento, indo além dos objetivos e conteúdo da disciplina.¹⁶³ Colaboração e qualificação dos professores da Educação Física são cruciais para ajudar na promoção e desenvolvimento do pensamento crítico, social e lógico.¹⁶⁴

No âmbito pedagógico, a Educação Física é uma área escolar que contempla a aprendizagem sobre a cultura corporal. A promoção desta aprendizagem tem o intuito de informar sobre a expressão corporal como linguagem e envolve conteúdo, práticas e atividades especificamente corporais, como apontado anteriormente: dança, jogo, ginástica, esporte, que compõem sua temática.¹⁶⁵

Há limites sobre o esporte em relação à sua inserção na aprendizagem educacional infantil e jovem. Inicialmente, tem a questão da metodologia adequada a ser utilizada pela Educação Física, além da faixa etária dos discentes. A ótica é de que é imprescindível que se inicie com os jogos infantis, em seguida aborde a ginástica científica e, posteriormente, o esporte. O tempo ideal para abordar a prática esportiva seria a fase adulta, com possível início na fase da adolescência, por indicação médica. Já a ginástica se tornaria insubstituível para todas as idades.¹⁶⁶

Na Educação Física, principalmente no esporte, o jovem reconhece o seu corpo, gasta energia, diminui as tensões, passa a se conhecer melhor, trabalha a expressão e a comunicação, liberta-se das paredes da sala de aula e de sua residência, adquire percepção integrada de seu corpo e alma, entre outros. Dessa maneira, o corpo, quando não usado nas demais disciplinas educacionais, presencia poucas oportunidades de se colocar efetivamente no processo de aprendizagem, devido à menor importância dada ao mesmo nas atividades manuais e práticas.¹⁶⁷

O engajamento da Educação Física por meio da abordagem da Psicomotricidade é baseado no desenvolvimento infantil, aprendizagem cognitiva, psicomotora e afetiva, com o

¹⁶² GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 202-203.

¹⁶³ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 885.

¹⁶⁴ GUIRRA, 2013, p. 53.

¹⁶⁵ NOGUEIRA, 2005, p. 200.

¹⁶⁶ GÓIS JÚNIOR, E. G.; MELO V. A.; SOARES, A. J. G. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre a educação do corpo na década de 1930. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 343-360, 2015. [online]. p. 354.

¹⁶⁷ BETTI; LIZ, 2003, p. 138.

intuito de formar a criança integralmente. Esta abordagem objetiva distanciar conteúdos esportivos do foco do professor destacando o desenvolvimento da aprendizagem em detrimento da execução de movimentos técnicos separados.¹⁶⁸

Já na abordagem Desenvolvimentista, representada por Go Tani e colaboradores, associada à psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, há uma hierarquia da mobilidade humana, uma taxionomia do desenvolvimento motor. Na abordagem sistêmica, elaborada por Mauro Betti, os aspectos desta não divergem das outras (ginástica, jogo, dança e esporte), porém os nomes divergem da abordagem crítica, tal como das vivências do esporte. Nesta é considerado importante a experiência afetiva, dos movimentos práticos e do aprendizado cognitivo.¹⁶⁹

Pela abordagem Crítico-Superadora, a cultura corporal se mostra por conteúdos que abordem atividades tais como dança, jogos, ginástica, esporte, entre outros: “esses temas tratados na escola devem expressar um significado/sentido correlacionando-se, dialeticamente, à intencionalidade/objetivos do homem e às intenções/objetivos da sociedade”¹⁷⁰.

A abordagem Crítico-Emancipatória, com o intuito de quebrar a prática, nas aulas de Educação Física, de esportivização e aptidão física, teoriza com base em um referencial crítico. A educação escolar precisaria proporcionar um ensino que oportunize os esportes de forma didático-pedagógica, colaborando com a obtenção de uma reflexão emancipatória e crítica dos alunos.¹⁷¹

Na abordagem Cultural, confronta-se a perspectiva biológica, com uma ótica de que o corpo é composto de órgãos, músculos e ossos, igualando os corpos e assim promovendo as mesmas atividades a todos os corpos: “Leva em consideração o repertório de técnicas corporais trazidas pelos alunos à escola, “uma vez que toda técnica corporal é uma técnica cultural”¹⁷².

A abordagem dos Jogos Cooperativos valoriza a cooperação em detrimento da competição, visto que competição e cooperação são tratadas como ideologias subjacentes na estrutura social, atuando determinadamente nos integrantes da sociedade para cooperarem ou competirem entre eles:

¹⁶⁸ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁶⁹ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁷⁰ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁷¹ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁷² CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

Os Jogos Cooperativos se apresentam como uma sugestão transformadora, já que eles são divertidos para todos e criam um sentimento de vitória. Esses jogos têm um alto nível de aceitação entre seus participantes e é o contrário dos jogos competitivos que têm poder de exclusão (já que exclui os menos habilidosos e divertem apenas alguns).¹⁷³

Através da abordagem da Saúde Renovada, em meados da década de 1970, muitos estudos tiveram início no âmbito biológico. Parte desses estudos não possuíam objetivos claros em relação às informações para a educação escolar. Muitas pesquisas eram direcionadas a estudos que contemplassem a busca de formas de aprimorar o desempenho físico. Com isso, houve uma ampliação da quantidade de academias de ginástica e maior interesse pela prática de atividades físicas, destacando-se a atenção especial às áreas de promoção da qualidade de vida e da saúde:

Nesta nova perspectiva de Abordagem Pedagógica para Educação Física, considera-se de fundamental importância a promoção da prática da atividade física e melhoria de fatores fisiológicos como cardiovascular, flexibilidade, resistência muscular e a composição corporal como fatores coadjuvantes na busca de uma melhor qualidade de vida por meio da saúde.¹⁷⁴

No momento em que a criança realiza atividades que possuem significado, a qual entende para quê e por quê está fazendo e se empenha e se movimenta para atingir as suas metas, ela se encontra em ação, e assim, evolui e se torna capaz de realizar tomada de decisão consciente e progressivamente. A concepção de atividade mostra uma percepção de não associação de afetividade e cognição na formação da personalidade. Como resultado do desenvolvimento da atividade, há um desenvolvimento psicológico que vai se formando no processo de vida do sujeito.¹⁷⁵

A personalidade é formada integralmente, onde o sistema de qualidades se forma através das relações sociais, e nestas, cada sujeito adquire função como mentor da atividade.¹⁷⁶

[...] a base real da personalidade do homem é o conjunto de suas relações com o mundo, que são sociais por natureza, mas das relações que se *realizam*, e são realizadas por sua atividade, mais exatamente pelo conjunto de suas diversas atividades.¹⁷⁷

Desde o nascimento, o bebê é inserido nas relações sociais, visto que o adulto intervém para suprir todas as suas necessidades e a criança passa a ser o foco da atenção. O

¹⁷³ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁷⁴ CAMILO; PITOMBEIRA; DEBIEN; CANTANHEDE, 2010, [n.p.].

¹⁷⁵ BISSOLI, Michelle de Freitas. Development of children's personality: the role of early childhood education. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 587-597, 2014. [online].

¹⁷⁶ BISSOLI, 2014, [n.p.].

¹⁷⁷ LEONTIEV, 1978, p. 143 *apud* BISSOLI, 2014, p. 590.

nascituro recebe afetividade, comunicação e atenção, desenvolvendo na criança a vontade de se socializar através dos novos estímulos, que aguçam os sentidos: ouvir, ver, tocar, sentir, etc.¹⁷⁸

É importante lembrar que, no bebê, os aparatos visuais e auditivos não estão ainda completamente desenvolvidos. É o enriquecimento das impressões visuais e auditivas que contribui para que a evolução orgânica dos sentidos aconteça de forma satisfatória. Por isso, quanto mais ricas forem as vivências da criança com o adulto - que se torna o mediador dos primeiros contatos sensoriais do bebê com o mundo à sua volta -, mais positivo será o desenvolvimento físico e emocional nesse primeiro período de vida.¹⁷⁹

A percepção forma a parte psicológica da criança no primeiro ano de vida, proporcionando aquisição sensorial do externo, através da emoção e da comunicação diretamente com o outro. Assim, a comunicação emocional é a atividade principal que a criança realiza com os sujeitos ao seu redor, pois, nesta fase inicial da formação psíquica, promove a formação progressiva da personalidade e das capacidades práticas e intelectuais do bebê. Nos meses iniciais de vida, o neném ainda não pode falar com desenvoltura, mas consegue se expressar e se comunicar com os seres que estão presentes em seu entorno.¹⁸⁰

Para ocorrer a comunicação, o bebê utiliza formas de linguagens, tais como: sorriso, choro, movimentos com o corpo – de se dirigir aos objetos e ao adulto –, com as mãos – de fecha-las para pegar algo que está longe –, entre outros gestos significativos. As expressões da criança se dão devido à relação afetiva com o ambiente, objetos e pessoas que estão à volta, o que estimula as emoções, tais como prazer ao contato físico e felicidade ao alcançar algo, despertando o interesse por novas emoções.¹⁸¹

Falar com a criança, apresentar-lhe às pessoas e aos objetos, tocá-la afetuosamente, pega-la no colo, etc., descrevem maneiras de contatos comunicativos e afetivos que aprimoram a percepção e evoluem a função cerebral através da ampliação dos estímulos recebidos pelo mundo e das pessoas, além de aumentar as chances de a criança desenvolver habilidades de generalizações sensoriais.¹⁸²

Basta recordar a unidade sensório-motora que caracteriza o primeiro ano de vida. A percepção acontece à medida que o bebê atua sobre os objetos à sua volta, em interação constante com o adulto. Cabe lembrar que é justamente essa interação o motivador principal do desenvolvimento intelectual e afetivo do bebê. Assim, conhecendo quanto o trabalho educativo sistematizado e intencional pode impulsionar o desenvolvimento das crianças desde muito pequenininhas, podemos

¹⁷⁸ LEONTIEV, 1978, p. 143 *apud* BISSOLI, 2014, p. 590.

¹⁷⁹ LEONTIEV, 1978, p. 143 *apud* BISSOLI, 2014, p. 591.

¹⁸⁰ BISSOLI, 2014, p. 592.

¹⁸¹ BISSOLI, 2014, p. 592.

¹⁸² BISSOLI, 2014, p. 593.

compreender a importância de que na Educação Infantil, desde o berçário, os bebês sejam cuidados e educados por professores e professoras.¹⁸³

Nesta fase inicial a criança percebe as coisas cada vez mais de forma semântica, desenvolvendo a capacidade de compreensão do mundo integralmente. O pequenino inicia a percepção de si mesmo nas atitudes, sendo uma evolução crucial para a formação da sua personalidade. Mesmo que o interlocutor seja o principal estimulador do comportamento do infante, ele se transforma em um parceiro que contribui para as atitudes sobre as relações sociais e objetos do entorno: “A criança manipula-os, apropriando-se de suas características físicas e, simultaneamente, percebendo as suas próprias possibilidades como sujeito que realiza ações com esses objetos”¹⁸⁴.

Por isso é comum a repetição de atitudes, tais como: lançar objetos e pega-los de volta, puxar e empurrar, fechar e abrir porta, entre outros. A criança está imersa no processo de percepção de si e do outro, tendo o adulto como mediador. Inicialmente, o adulto é um colaborador, e, posteriormente, serve de modelo, visto que nessa fase o infante segue imitando as ações do seu interlocutor.¹⁸⁵

Acontece então o que Vigotski denomina de um ‘quase jogo’ (p. 359). Se aparentemente a atividade que realiza é um faz-de-conta, na realidade a criança não cria uma situação fictícia, que é pressuposto do jogo de papéis. Ela ainda não é capaz de representar simbolicamente um papel. Por isso ela nina sua boneca, mas não deixa de considerá-la como boneca, enquanto para uma criança maior, envolvida no faz-de-conta, a boneca seria, dentro de uma situação imaginária, a filha, e ela, a mãe. Podemos dizer que a criança imita externamente as ações do adulto, sem se colocar no lugar dele.¹⁸⁶

Na faixa etária menor que a de três anos, ocorre no bebê um primeiro modo de autoconsciência, que se dá pelo aspecto da afetividade. Mesmo que o pequenino ainda não tenha tomado consciência de que ele é outro ser que se difere do adulto e que ainda não tenha se percebido como um ser e desenvolvido totalmente a sua identidade, ele já possui desejos pessoais que, por vezes, não são os mesmos do seu mediador, apresentando, assim, porções de sua personalidade que está em desenvolvimento.¹⁸⁷

Em relação ao desenvolvimento da personalidade do infante, em determinadas fases e épocas da vida e dentro das possíveis oportunidades atingidas em sua evolução, o pequenino

¹⁸³ BRASIL, 2009a, 2009b *apud* BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁸⁴ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁸⁵ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁸⁶ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁸⁷ BISSOLI, 2014, p. 593.

pode ter capacidade de entender o entorno, os acontecimentos à sua volta e de interagir cognitiva e emocionalmente com eles de forma totalmente nova.¹⁸⁸

Assim, o desenvolvimento do pensamento verbal assume importância fundamental na formação da personalidade. O autor afirma que nossas memórias mais antigas em relação à primeira infância têm origem a partir do momento em que linguagem e pensamento deixam de ser processos independentes e passam a constituir um único processo, mediado pelos significados das palavras - que passam a ser o substrato tanto da forma como pensamos o mundo quanto da forma como expressamos nossa compreensão dele (Vygotski).¹⁸⁹

Desta forma, se anteriormente o bebê possuía uma percepção das coisas e as compreendia a partir daquilo que era presente no momento, relações humanas e acontecimentos imediatamente vistos, não afixando a complexidade das coisas, posteriormente, com o pensamento verbal, a criança passa a adquirir relações mais aprofundadas através de palavras representativas sobre acontecimentos, pessoas e objetos. Assim, na infância, o indivíduo evolui se desligando do exercício da coerção dos objetos sobre o mesmo e transforma a sua atuação antiga para outra com estímulos e planejamentos regados da forma verbal do pensamento, com expressão da linguagem oral. A criança passa a demonstrar uma sofisticação e complexidade de suas possíveis formas de se relacionar com o mundo e entender o seu entorno, à medida que passa a construir emoções, pensamentos e comportamentos através das falas: “dessa forma, o professor atua, primordialmente, sobre a zona de desenvolvimento próximo da criança (Vygotski) e assim seu trabalho impulsiona o desenvolvimento das capacidades intelectuais, afetivas, práticas e artísticas da personalidade infantil”¹⁹⁰.

Neste contexto, a creche e a pré-escola se apresentam como ambientes de oportunidades de promoção das relações entre os sujeitos e os objetivos específicos – educação física, ciências, artes, política, moral, filosofia, etc. – implícitos aos aspectos específicos que influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem na infância. São ambientes que oportunizam a interação com a rotina de vida e com aprendizagens próprias – costumes, linguagens e AVDs (atividades de vida diária) – e também, a interação com as possibilidades fora da rotina, com maiores complexidades humanas.¹⁹¹

¹⁸⁸ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁸⁹ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁹⁰ BISSOLI, 2014, p. 594.

¹⁹¹ BISSOLI, 2014, p. 594.

2.3.2 EFE e saúde

Já no século XIX, no Brasil, a produção de conhecimento da Educação Física era articulada como questão de saúde, sendo chamada, à época, de “ginástica”. Nas instituições de Educação Infantil, com faixa etária até seis anos, a Educação Física não era obrigatória, mesmo sendo ressaltada sua importância no desenvolvimento de habilidades corporais e de conhecimentos, nas práticas da cultura corporal de movimento e em relação ao aspecto lúdico. Reconhecendo a importância da atividade física, várias escolas públicas e particulares iniciaram a contratação de docentes de Educação Física para atuarem na Educação Infantil.¹⁹²

A promoção da saúde é uma temática que vem sendo discutida mundialmente, incluindo o ambiente escolar, levando as políticas públicas a desenvolverem programas de saúde para a criança na escola. Sabe-se que a instituição escolar está imbuída de poder social e político, capaz de gerar transformações na sociedade, para além da função pedagógica. No período escolar, as crianças e os jovens vivem momentos em que os hábitos estão sendo criados, sendo muito importante trabalhar ações preventivas e a temática da saúde.¹⁹³

Para ilustrar, podemos citar a abordagem teórico-pedagógica *Saúde Renovada*, que preconiza:

Desenvolver a saúde nas escolas é uma possibilidade de disseminar hábitos positivos nos escolares, já que crianças são difusoras de boas práticas em casa (BRASIL, 2011). De acordo com o PSE (Programa Saúde na Escola) desenvolvido no Brasil, deve haver uma integração permanente entre a educação e a saúde, que objetive uma formação integral dos estudantes através de promoção, prevenção e atenção à saúde.¹⁹⁴

Desde o nascimento, os indivíduos se movimentam e se apropriam do controle do próprio corpo e das experiências com o mundo. O movimento é de suma importância para o desenvolvimento humano. Não é somente deslocamento do corpo no espaço, é também uma linguagem que proporciona ao indivíduo explorar o ambiente humano e o meio físico. Trabalhar com o movimento inclui os aspectos do ato motor e a variedade de funções, promovendo desenvolvimento de características específicas da motricidade das crianças,

¹⁹² MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: Educando crianças ou meninos e meninas? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 46, p. 411-438, 2016. [online]. p. 413.

¹⁹³ SANTANA, Dayane Pereira de; COSTA, Célia Regina Bernardes. Educação Física escolar na promoção da saúde. *Revista Núcleo do Conhecimento*, São Paulo, a. 1, v. 10, p. 171-185, 2016. [online]. p. 171.

¹⁹⁴ BANDEIRA; SOUZA; SOARES; LOBO; ROCHA, 2014, p. 4.

incluindo a reflexão sobre as posturas corporais de cada criança, ou mais abrangente, sobre a cultura corporal.¹⁹⁵

As aulas de Educação Física para bebês¹⁹⁶ devem contemplar o processo com uma variedade de experiências, considerando que essa fase é fundamental para aprimorar e desenvolver a socialização, a linguagem verbal, a cognição e a memória motora. Os bebês experimentam e se comunicam com o mundo através do corpo e, na Educação Física, o olhar diferenciado para o movimento com atividades intencionais promoverão o desenvolvimento integral do infante.¹⁹⁷

Neste capítulo foi possível perceber que os entrelaces entre religião e corpo na Educação Física devem ser analisados em conjunto, pois, o estudante estaria vinculado simultaneamente à escola e à uma religião, como visto na seção 1.1. Para pensar *corpo e religião* interligados é necessário entender que o sujeito se insere religiosa e culturalmente no mundo. Trata-se de uma reflexão desafiadora, visto que a expressão corporal se faz de diversas maneiras, inclusive na EFE. Sendo assim, é crucial que o professor de Educação Física seja capacitado para lidar criticamente com o aspecto religioso na escola, como foi abordado na seção 1.2. A pesquisa vem trabalhando a noção corporal, a função social da escola e a influência religiosa no corpo, destacando o que interfere na teoria e na prática da mesma, desde as áreas pedagógicas e científicas até as áreas religiosas e políticas, como visto na seção 2.1. No próximo capítulo, a EFE será contextualizada a partir da perspectiva religiosa e dos encaminhamentos profissionais a respeito dessa relação.

¹⁹⁵ SEVERINO, Cláudio Delunardo; CORREA, Amanda Santos R. C. Educação Física em creches: um estudo de caso a partir da percepção de professoras do município de Pinheiral. *Cadernos UniFOA*, Volta Redonda, v. 13, n. 38, p. 109-120, 2018. [online]. p. 109.

¹⁹⁶ Sobre a Educação Física aplicada a bebês, veja a seção 2.3.1.

¹⁹⁷ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. [online].

3 A EFE E A RELIGIÃO

Pretende-se, neste capítulo, refletir sobre alguns aspectos que envolvem a interface entre a EFE e a religião. A Educação Física está diretamente ligada à saúde do corpo e da mente, e começa a incidir sobre o indivíduo desde a tenra fase escolar. Embasada cientificamente, a EFE gera benefícios para a vida inteira. No entanto, alguns segmentos religiosos podem atuar para inibir as práticas da EFE, considerando-a inadequada para as disciplinas religiosas. São segmentos mais austeros em relação à participação na vida social. Contra esses setores, faz-se necessário enfatizar os benefícios da EFE. E aqui está um dos temas centrais da pesquisa, que é a incidência da religião no espaço público, especialmente sobre como a religião afeta a EFE.

Se a EFE, com base científica, contribui para a saúde dos estudantes, e considerando que as religiões também buscam o melhor para seus adeptos, elas deveriam auxiliar no processo, zelando pelo bem-estar físico e espiritual das pessoas. Na primeira etapa deste capítulo, mapeia-se a perspectiva da EFE a respeito da religião, da questão dos esportes, da saúde e da qualidade de vida. Na segunda, apresenta uma entrevista com um líder religioso sobre religião e EFE. Finalmente, na terceira, evidencia-se as pesquisas relacionadas à religião e EFE, as situações atuais e as necessidades de estudos e avanços. O foco estará nos efeitos da religião sobre a Educação Física e os impactos das relações entre EFE e religião.

3.1 Perspectivas da Educação Física a respeito da religião

Segundo o Papa João Paulo II, na ausência de honestidade, equilíbrio e sobriedade, o atleta no esporte assume uma incapacidade de entendimento pleno do sentido da prática da atividade física que objetive fortificar o corpo e também o coração e o espírito.¹⁹⁸ Dessa forma, os aspectos religiosos poderiam ser úteis para dar mais sentido à prática de esportes e cooperar na fundamentação da ética e da disciplina necessária.

Outra incidência da religião sobre o esporte está relacionada com a motivação e a superação. De acordo com Simões e Conceição, a espiritualidade é utilizada para atingir níveis elevados de energia no esporte, objetivando alcançar melhores resultados e superar

¹⁹⁸ JOÃO PAULO II. *O desporto é um dom de Deus*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2000.

barreiras.¹⁹⁹ Essa relação pode ser algo instrumental, em que a religião estaria cooptada pela busca desenfreada pelo sucesso no esporte e também pode ser uma parcela de contribuição para ultrapassar os limites e se manter focado:

Não se pode negar que muitos esportistas e professores de Educação Física se utilizam da religião. [...] aspectos religiosos têm servido de apoio à muitos treinadores e atletas. Eles recorrem constantemente a tais em momentos diversos, como, por exemplo, em circunstâncias de estresse, tensões entre jogadores, momentos decisivos em jogos e entre outros. Uma prática religiosa comumente implantada por treinadores e suas equipes é a Oração; por meio dessa buscam renovação de suas forças, alcance de difíceis metas, criarem unidade ao grupo, manutenção de um foco e etc.²⁰⁰

Para os adeptos de uma determinada religião, a prática de esporte também estimula à disciplina, perseverança, respeito, coletividade, entre outros aspectos importantes para a fé. Além disso, o esporte ajuda a criar vínculos mais fortes entre os participantes de tal comunidade religiosa e pode funcionar como ponto de contato para receber novos membros.²⁰¹

Religião e esporte trabalham com o corpo e com a mente, como alvo de cuidado e de atenção. Significativamente o corpo é considerado santuário em vários episódios religiosos e o cuidado com o corpo depende da prática de atividades físicas e até mesmo de esportes.²⁰²

Evidencia-se que, tanto Esporte quanto Religião, possuem seus aspectos de interferências diretas em ações humanas que com eles se envolvem e creio serem esses aspectos plenamente viáveis de serem trabalhados de maneira combinada, através da Educação Física.²⁰³

Desta maneira, ao contrário dos que discordam de que exista uma relação entre religião e esporte, a literatura é farta em mostrar essa correlação.²⁰⁴ Com isso, fica evidente a mútua influência entre o fenômeno religioso com as práticas esportivas, inclusive com experiências transcendentais de alguns esportistas.²⁰⁵

É impossível, no entanto, determinar com efetiva precisão o ano/ a época da origem do desporto. Sendo o primeiro documento comprovando a prática esportiva no ocidente uma pintura da Civilização Minoica, com data de aproximadamente 1550

¹⁹⁹ SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M. Gestos e expressões faciais de árbitros, atletas e torcedores em um estádio de futebol: uma análise das imagens transmitidas pela televisão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 24, 2004. [online]. p. 357.

²⁰⁰ FERREIRA, Maria, 2010, p. 35.

²⁰¹ FERREIRA, Maria, 2010, p. 35.

²⁰² LEE, Jason W. An Overview of the Reciprocal Relationship between Sport and Religion. *Smart Online Journal*, Jacksonville-Florida, v. 1, n. 1, p. 26-30, 2004. [online].

²⁰³ FERREIRA, Maria, 2010, p. 36.

²⁰⁴ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Esporte e religião. In: ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, [n.p.]. [online].

²⁰⁵ BORGES, 2006, [n.p.].

a.C. Essa pintura mural, confeccionada na técnica de afresco, apresenta dois garotos posicionados de uma forma muito semelhante à do nosso esporte conhecido como boxe, foi encontrada na Ilha de Santorini, na Grécia⁶. [...]. Mesmo que não existam certezas acerca de datas e / ou locais para o início da prática esportiva, um fato é de concordância de muitos autores: são os poemas de Homero e Hesíodo que apresentam os primeiros relatos de práticas esportivas no ocidente.²⁰⁶

E desde o início dos jogos esportivos, o tema religioso esteve presente. A própria cidade grega Olímpia, não era uma cidade comum, mas um recinto sagrado, indicando que os jogos tivessem alguma relação com o religioso.²⁰⁷ Há lendas que apontam que os jogos olímpicos alcançaram a paralisação de guerras por conta de sua relação próxima com o sagrado. Em tempos recentes, os jogos olímpicos foram realizados em plena Guerra Fria, tendo exercido influência positiva sobre aquele cenário.²⁰⁸

Como indica Monteiro, na antiga Grécia, os jogos olímpicos ganharam o título de uma nova religião, onde as competições tinham influência de princípios sagrados.²⁰⁹ Posteriormente, com o fortalecimento do cristianismo no ocidente, passou a influenciar decisivamente os esportes: “como as atividades desportivas dos Jogos Olímpicos eram realizadas com o corpo nu, os jogos encontraram seu banimento no ano 351 em nome dos ideais cristãos que iam contra o exibicionismo do corpo despido”²¹⁰.

Há na literatura menções a um denominado “jogo de pelota”. Tratava-se de um esporte de aspecto religioso que resultava no falecimento de perdedores ou vencedores, embora não há certeza sobre esse relato. O que se pode afirmar é que o esporte foi útil para servir de religião de paz para as diversas filosofias de vida e pensamento.²¹¹

Borges [...] em seu artigo ‘Esporte e Religião’ diz que ‘no Brasil, a prática de atividades corporais relacionadas às tradições religiosas surge no século XVI, quando os religiosos da Companhia de Jesus (Jesuítas) instalaram suas escolas. Os objetivos de praticarem atividades físicas e dos jogos propostos era o consumo de energia e o disciplinamento do corpo.’²¹²

Como relata Rigoni, em alguns aspectos comuns, visto que certos fatos encontrados não são muito conhecidos no meio social, certos conflitos relacionados à ligação entre religião e esporte podem ser vistos frequentemente nas aulas de Educação Física.²¹³

²⁰⁶ HARO, Guilherme K. *Futebol e valores religiosos: uma revisão da literatura*. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. [online]. p. 16.

²⁰⁷ HARO, 2009, p. 16.

²⁰⁸ FERREIRA, Maria, 2010, p. 32.

²⁰⁹ MONTEIRO, Alberto O. *Desporto: da excelência à Virtude*. Um caminho para crianças, jovens e adultos. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade do Minho, Braga, 2007. [online]. p. 107.

²¹⁰ HARO, 2009, p. 17.

²¹¹ FERREIRA, Maria, 2010, p. 32.

²¹² FERREIRA, Maria, 2010, p. 32.

²¹³ RIGONI, 1998, p. 93.

Ao pensar em princípios gerais do esporte e da religião, os quais podem ser tratados nas aulas de Educação Física, é preciso defini-lo.²¹⁴

Ibañes afirma que a concretização de propósitos e princípios é o que dá sentido para a vida do ser humano, não o princípio em si. Os princípios se originam sempre com o intuito de produzir, desenvolver, aprimorar e direcionar para outros vinculantes. A questão envolvendo os princípios não vem deles, mas do ser humano que abandona os adequados e põe à prova e em contradição outros destes.²¹⁵

Monteiro [...] diz que para um monge o sentido e propósito de suas práticas religiosas estão voltadas para a realização de Deus, ou a sua superação humana. Essa é grande parte das vezes a motivação que move um atleta a suas práticas esportivas, a possibilidade de superar a si e a outros, de alcançar marcas, medalhas. Percebemos a aproximação clara entre atleta (Esporte) e monge (Religião) por meio do aspecto descrito: Superação. O religioso quanto mais sacrifício viver, mais perto estará de sua entidade divina e o esportista quanto mais se esforçar, treinar e superar-se mais 'super-humano' se sente. Ambos encontram um grau de satisfação indescritível através de suas lutas em prol da superação. O esporte pode trazer um estado de elevação também indescritível bem como a religião em suas práticas.²¹⁶

Ryan estabelece uma relação mais identificada entre religião e esporte:

As qualidades humanas que sustentam as atividades atléticas são as mesmas que sustentam as atividades da vida espiritual. Disciplina, dedicação, entusiasmo e perseverança são algumas dessas qualidades humanas tão evidentes em nosso esporte. [...] Outros exemplos de constante intercâmbio entre atividades corporais e benefícios espirituais: os esportes movimentam nossas faculdades mentais de atenção, observação, análise, ordem, julgamento e avaliação. Precisamos de todas essas habilidades bem aguçadas [...].²¹⁷

Costa complementa relatando que os movimentos no esporte e na religião podem ter significativas semelhanças.²¹⁸ Nessa relação, tanto o esporte quanto a religião tendem a se fortalecer, apesar de alguns setores religiosos serem mais austeros na vida social. Na próxima seção, apresenta-se a perspectiva de um líder religioso sobre o papel da Educação Física.

²¹⁴ GARCIA, R. P; LEMOS, K. *Temas (quase éticos) de desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005. p. 18.

²¹⁵ IBAÑES, R. *Valores, objetivos y actitudes en educación*. Valladolid: Miñon, 1976. p. 26.

²¹⁶ FERREIRA, 2010, p. 34.

²¹⁷ RYAN, Thomas. Para uma espiritualidade dos esportes. *Concilium*, Petrópolis, n. 225, n. 5, p. 116-125, 1989. p. 117-118.

²¹⁸ COSTA, A. S. Desporto e conhecimento do homem. In: Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. As ciências do desporto e a prática desportiva no Espaço da Língua Portuguesa, II, Porto-Portugal. *Anais...* Porto: Univ. do Porto, 1991, [n.p.]. [online].

3.2 Entrevista com um líder religioso sobre religião e EFE

A entrevista é uma técnica de coleta de dados. De acordo com Richardson, a entrevista “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B”²¹⁹. A entrevista é classificada de duas formas: estruturada e não estruturada. A *entrevista estruturada* assemelha-se ao *questionário*, pois, é construída com perguntas e respostas pré-formuladas. Já a *entrevista não estruturada*, também chamada de *entrevista em profundidade*, “visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo”²²⁰.

Quanto à técnica de entrevista, Richardson sintetiza três variações: dirigida, guiada e não diretiva. A técnica da *entrevista dirigida* é aquela que se desenvolve a partir de perguntas precisas e com ordem pré-estabelecida. Tem mais liberdade que um *questionário*, porque o entrevistado pode dar respostas abertas e tecer comentários, mas o percurso da entrevista está definido. Na entrevista guiada, as perguntas vão aparecendo ao longo da conversa e a ordem está aberta. O nível de interação é maior que na técnica dirigida. Na *entrevista não diretiva* o entrevistador cumpre uma função de estimulação, permitindo ao entrevistado desenvolver suas opiniões sem direcionamentos.²²¹

No diálogo com o líder religioso católico foi utilizada a entrevista como instrumento de coleta de dados. Quanto à forma, foi uma *entrevista não estruturada*; quanto à técnica, uma *entrevista dirigida*. Pe. Anderson Gomes é padre da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Vila Velha-ES, Vigário Episcopal para a Comunicação da Arquidiocese de Vitória-ES, professor e Diretor Administrativo do Centro Católico de Estudos (CECATES).²²²

A entrevista foi realizada presencialmente e gravada²²³ no 25 de maio de 2021, terça-feira, às 17h30, na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no município de Vila Velha-ES, com o intuito de ilustrar parte deste capítulo, através da descrição de opiniões e conhecimentos de um líder religioso, sobre o tema aqui relacionado. Assim, foi possível captar a opinião do entrevistado a partir de um roteiro pré-definido, mas com liberdade para

²¹⁹ RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 207.

²²⁰ RICHARDSON, 2012, p, 208.

²²¹ RICHARDSON, 2012, p, 210.

²²² É formado em Administração de Empresas (Faculdade de Ciências Humanas de Vitória/ES), Filosofia e Teologia (IFTAV), pós-graduado em Comunicação Social (Universidade São Francisco/SP), Mestrado em Teologia Patrística e História da Teologia (Pontifícia Universidade de Roma), cantor e compositor, apresentador do programa *Papo de Padre* (semanal pela Tribuna/ES), Canal do YouTube, onde se encontram também os vídeos e homilias (YouTube: <https://youtube.com/c/PeAndersonGomes>, Spotify: Padre Anderson Gomes).

²²³ A transcrição dos áudios consta como anexo neste relatório de pesquisa.

comentar o assunto. Foram oito perguntas e algumas variações, sendo as respostas transcritas na íntegra a seguir.

A primeira questão, *Pergunta 1*, questionava a percepção do padre sobre “a relação entre exercícios físicos e religião”:

Isto é uma questão antropológica. Antes de mais nada, quando eu entendo do que o ser humano é composto, é um conjunto de corpo, alma e espírito, então, na filosofia platônica, há uma dicotomia, uma separação de corpo e alma e que muitas pessoas são influenciadas por isso, como somente a alma importasse e o corpo fosse desprezível. Mas quando eu entendo que o ser humano é um conjunto completo, é uma tríade de corpo, alma e espírito, então, para se bem desenvolver, eu tenho que desenvolver estas partes. Não adianta eu ter somente um corpo bem desenvolvido sem a alma estar bem desenvolvida. E alma é aquilo que me anima, e o espírito, é aquilo que me dá a possibilidade da transcendência, embora o catecismo da Igreja Católica comuna os dois, alma e espírito, mas não fere. Então seja [...] desenvolver esta parte física também é algo importante, mas também não somente ela, o ser humano realizado, pleno, é aquele que entende esta pluralidade do ser. O ser é um conjunto, não existe o ser humano sem corpo, alma e espírito, nós que separamos as coisas. Então, quando eu fico estanco de um lado só, eu penduro de um lado e não sou realizado do outro. Há um vazio existencial e quando eu fico somente no espiritual, na alma, há um problema físico. Então, o ser humano pleno é aquele que entende que vai desenvolver estas três partes do ser.

O entrevistado avaliou como positiva a relação entre religião e exercícios físicos. Como líder religioso, enfatizou o “exercício” espiritual, o cuidado com a alma e com o espírito, mas sem descuidar do corpo. Quando perguntado no *complemento 1.1* se “[religião e exercícios físicos] estão interligados”, respondeu enfaticamente com “sim”. A pesquisadora insistiu no *complemento 1.2*, perguntando: “ou completamente separados?”, ao que o entrevistado, novamente enfático, respondeu: “não”. O entrevistado deixou entrever que uma vida saudável e plena deveria contemplar um cuidado integral do corpo, da alma e do espírito, sendo que tanto a religião como a Educação Física podem cooperar para esse fim, dado que o exercício físico não influencia somente o corpo, mas também aciona elementos psíquicos, e a religião, não é somente alma e espírito, podendo incentivar as pessoas a cuidarem bem do corpo.

Na *Pergunta 2*, “o que o exercício físico influencia na religião?”, a resposta seguiu a mesma linha da primeira pergunta, apesar de ter se concentrado no aspecto mais corpóreo:

Bom, em primeiro lugar, influencia na pessoa enquanto físico. Têm os hormônios que produzem, as enzimas, assim por diante. Não é minha área técnica, mas para o ser humano estar mais bem preparado, isso ajuda ele, porque a gente reza com o corpo, a oração envolve o nosso corpo como inteiro, desde o ajoelhar, levantar, então estar bem fisicamente, isto dá mais ânimo, dá possibilidades além do que somente o lado espiritual. O físico bem cuidado repercute com certeza no espiritual, na prática espiritual, na entrega maior espiritual. Se não, a pessoa fica cansada, fica com sono, não consegue rezar, chega em casa e dorme. Então, trabalha-se o físico e

assim simultaneamente, possui mais tempo para possibilitar o físico estar junto com o espírito.

O entrevistado observou que o fiel se expressa na religião através do corpo: “a gente reza com o corpo, a oração envolve o nosso corpo como inteiro, desde o ajoelhar, levantar, então estar bem fisicamente, isto dá mais ânimo, dá possibilidades além do que somente o lado espiritual. O físico bem cuidado repercute com certeza no espiritual [...]”. Nessa resposta, no entanto, ele não articulou o exercício físico enquanto efeito para além do corpo. O entrevistado iniciou, tangencialmente, considerando os efeitos do exercício sobre o corpo, e não sobre a religião: “têm os hormônios que produzem, as enzimas, assim por diante. Não é minha área técnica”. E ao constatar que não teria precisão para afirmações naquela linha de raciocínio, retomou a discussão para a pergunta recém-formulada, e relacionou o corpo como instrumento para que o religioso expresse sua fé.

A questão seguinte, *Pergunta 3*, “o que a religião influencia no exercício físico?”, complementava a abordagem da pergunta anterior. Se na segunda pergunta a questão era como o exercício físico influenciava a religião, agora a questão é o inverso, como a religião pode incidir para a atividade física:

Bom, nós acreditamos, enquanto cristãos, [que] Jesus veio para nos dar vida, e vida em abundância. Quando eu entendo que a vida é parte de Jesus Cristo, você não vê a imagem de Jesus Cristo gordo, obeso. Respeitando os obesos e as suas origens, mas você vê uma pessoa sadia, você entende pela religião a imagem de homem que Deus oferece. Pode-se pensar que o homem seja assim, nada é proibido comer, mas nem tudo me convém, então é saber os limites, a temperança a religião me coloca o autocontrole, a prática do jejum, que é não ser dependente de um alimento, não ser dependente de alguma coisa. Então, a religião me provoca um modo de ser que impacta no meu físico. Eu até tenho certas resistências de religiosos obesos, pois, qual seria o problema? É um problema funcional, estrutural de herança, ou uma questão de comportamento? Porque a minha religião, ao meu modo de crer, ela é parte do meu corpo, apesar de que alguns têm mais condições, têm tendências, têm o metabolismo mais fácil de ser lidado, outros têm mais dificuldades. Mas é o esforço, porque eu creio, e se eu creio que há vida eterna é o mesmo que acreditar que o meu corpo será ressuscitado também. Então, eu cuido do meu corpo porque a religião me ensina a cuidar da alma, do corpo e do espírito.

Nessa questão, o entrevistado afirma que a perspectiva cristã influencia no cuidado do corpo, “Jesus veio para nos dar vida, e vida em abundância”. Ele faz referência, inclusive, à estética retratada nas imagens religiosas de Jesus, indicando um corpo garboso e saudável. Mais adiante ele concluiu: “a religião me provoca um modo de ser que impacta no meu físico”.

A *Pergunta 4*, “a religião serve de suporte espiritual para estimular a prática de exercícios físicos?”, já havia sido parcialmente respondida na questão anterior.

Bom, a religião não seria suporte, mas o modo de ser, de vivenciar a vida. Mas ela é suporte no sentido de ser base sim. Sim, uma coisa está suportando a outra. A minha religião me ajuda no exercício, o exercício me ajuda na religião, é um suporte nesse sentido sim.

O entrevistado, inicialmente, discorda do termo “suporte” utilizado na pergunta e propõe a dimensão da experiência, do cotidiano: “modo de ser”, vivenciar”. Com isso, indicava que a perspectiva religiosa influi no dia a dia do fiel, fazendo com que ele se cuide física e espiritualmente. Ao final, ponderou que *religião* e *atividade física* se ajudam mutuamente, funcionando como suporte uma à outra: “a minha religião me ajuda no exercício, o exercício me ajuda na religião”.

Na mesma lógica das questões anteriores, a *Pergunta 5* (“a prática de exercícios físicos serve de suporte corporal para estimular a prática de oração?”) expressa o pensamento circular, complementando a pergunta anterior, com o específico de afunilar na questão devocional da oração:

Aí depende, depende da pessoa, porque muitos fazem exercícios físicos e ficam no físico. Então, depende do entendimento da antropologia, de quem eu sou. Se eu acho que eu sou somente matéria, então não irá adiantar nada, pois, eu sou matéria, o que de religião irá me ligar? Se eu não tenho um parâmetro, talvez nada, ou talvez eu vou ficar uma pessoa mais leve na sociedade, na convivência, mais tolerante para algumas coisas, o que são aspectos religiosos? São, mas vincula-se à religião? Não creio.

Nessa questão o entrevistado não foi taxativo. Segundo ele, é possível uma pessoa praticar exercícios a exaustão e nunca chegar a trabalhar o aspecto espiritual, a depender da visão de mundo que ela desenvolva. Assim, é possível que a prática de atividade física ajude na prática da oração, mas não haveria correlação suficiente entre elas. A disciplina da oração pode acontecer com ou sem atividade física, e, a prática de exercícios, por si só, não leva à devoção.

Na *Pergunta 6*, “a prática de exercícios físicos serve de suporte para estimular a seguir uma religião?”, a questão se ampliou para além da confissão do líder religioso, incluindo a dimensão religiosa mais abrangente:

Então, tem vários tipos de exercícios físicos na vida, atividades físicas. Alguns falam que meditação, ioga, seria uma forma de filosofia de vida, um exercício físico, uma prática. Eu acredito que quanto mais você tenha contato com a natureza, com o cuidado daquilo que é natural, me remete ao sobrenatural e valoriza o natural, meu olhar sobrenatural. Então, depende de onde está o centro a partir de quem você olha. Então, é diferente se pegarmos um fisiculturista, por exemplo, é difícil generalizar isso, ele, a prática de exercícios dele, ajuda ele a ser mais religioso? Não sei dizer, é difícil generalizar, porque depende do ponto de vista das pessoas. Pra mim, a prática de exercícios me ajuda enquanto todo, mas talvez seja ao contrário.

O entrevistado não falou a partir do catolicismo, da sua pertença religiosa, entendendo a questão como abrangente para as demais religiões. Nesse sentido, percebeu uma conexão mais direta entre *exercícios físicos específicos* e *decidir seguir uma religião* quando considerou, por exemplo, as religiões orientais e a ioga. Quando pensou especificamente o cristianismo, não encontrou essa relação direta: “Não sei dizer, é difícil generalizar, porque depende do ponto de vista das pessoas. Pra mim, a prática de exercícios me ajuda enquanto todo, mas talvez seja ao contrário”.

Na *Pergunta 7*, “a EFE é uma disciplina que contribui para a prática da espiritualidade?”, o entrevistado apresentou um ponto de vista interessante:

Bom, eu não sei não. Eu me lembro de quando eu participava nas escolas, da educação física, eu nunca fui dado por genética de esportes, eu sempre temia, era o último a ser escolhido. Então, pra mim, eu ficava mais chateado do que tudo. Agora, se isso liga à vida religiosa, não conseguiria fazer este vínculo não, de uma atividade escolar me vincular a uma atividade espiritual. Tudo depende da demanda, de como isso seria demandado, de como seria colocado e proposto. A atividade por atividade eu creio que não.

O entrevistado não associou a disciplina EFE como algo que contribuísse para a prática de uma espiritualidade específica. A partir da sua história pessoal, comentou que a disciplina na escola gerava, inclusive, efeito negativo, dado que o entrevistado não era afeito aos deportes: “pra mim, eu ficava mais chateado do que tudo”. E conclui: “a atividade por atividade eu creio que não”. Nessa perspectiva, a disciplina EFE não teria influência específica sobre a espiritualidade, religiosidade ou religião dos estudantes. A relação se estabeleceria apenas no plano geral, quando a atividade física contribuirá para uma vida saudável, por conseguinte, também para os religiosos.

A *Pergunta 8*, “o que você acha da cultura de alguns pais/responsáveis que se prendem a questões religiosas, usando discursos restritivos à participação nas aulas de EFE?”, causou espanto ao entrevistado:

Bom, desconheço um pouco qual religião impediria a prática de educação física e atividade física. Pelo que conheço de religião, se fazem isso, misericórdia! Separar algo assim, proibir, chegar ao ponto de proibir a pessoa de uma atividade livre dela; esta religião estaria escravizando, ou a religião ou o mediador, que seja. Nós, religiosos, temos que aprender a lidar com a liberdade, das pessoas serem livres, pois, proibir uma atividade física em nome de uma religião, para mim, isso deixa de ser religião.

A partir de sua vivência religiosa no Brasil, em que o catolicismo é vertente majoritária em diálogo com a cultura nacional, a vida social e cultural dos paroquianos goza de relativa liberdade por parte da Igreja Católica. Os grupos evangélicos, por outro lado,

inclusive para se diferenciar do catolicismo, desenvolveram uma identidade mais restritiva em usos e costumes. O setor pentecostal, talvez seja o grupo mais aguerrido e proibitivo. Mas o entrevistado sequer tinha dimensão desse fato. Ao vislumbrar esse nível de controle institucional ele afirmou: “[...] chegar ao ponto de proibir a pessoa de uma atividade livre dela; esta religião estaria escravizando, ou a religião ou o mediador, que seja. [...] proibir uma atividade física em nome de uma religião, para mim, isso deixa de ser religião”.

A pesquisadora insistiu na questão e fez o *complemento 8.1*: “e a opinião de certas religiões sobre a restrição de roupas, dificultando a prática de exercícios físicos, sobre considerarem posições corporais no esporte e/ou exercício físico como ‘sexuais’, sobre restringir o cuidado e vaidade com corpo para não torna-lo ‘fruto da tentação’, etc.?”. A partir dessa provação, o entrevistado ampliou sua resposta e comentários finais:

Bom, antes de tudo, existe uma cultura, nós somos fruto de uma cultura, de uma sociedade. Existem os muçulmanos com as suas regras, suas vestimentas; existem os cristãos, com as suas questões e, embora, houvesse um período em que muitos cristãos se basearam em leis, até mesmo antigas do Antigo Testamento, que citavam posturas de vestimentas, mulheres só podiam usar saia, não podiam cortar o cabelo, estas coisas, que ficaram em voga inclusive no protestantismo pentecostal há pouco tempo e deixou-se um pouco de lado isto, ver estas práticas de vestimentas como abusivas, ou estas alusões à sexualidade, precisa perguntar se isto não está na cabeça de quem está proibindo, que vê sexo em tudo, está vendo sexo em todos os sentidos; e qual sentido se dá para aquilo, ou seja, se é um esporte, um gesto, uma vestimenta que facilita o exercício físico, o movimento, que bom! Agora, se este movimento leva a pecar, então, o problema é pessoal.

Certa vez uma pessoa veio conversar comigo para dizer que tinha que proibir as mulheres de irem de biquíni para a praia. Ela disse: ‘Imagina se Nossa Senhora usava biquíni’. Eu disse: ‘mas espera aí, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Proibir? E ela disse: ‘Porque levar a pecar’. Então, eu respondi: ‘o pecado está em você então, e não nas mulheres’.

Que o nosso Brasil é sensual, é erótico e trabalha o erotismo em várias situações, isto com certeza, isto está presente em várias circunstâncias. Agora que pode pelo esporte, algumas vestimentas aparecem mais a genitália e estão mais abertas a esta possibilidade. Isto pode acontecer, contudo, ‘irá deixar de usar por isso? Se perceber que em tais vestimentas para quem compete, por exemplo, se algum calção favorece à competição, será descartado por isso? Não, é uma questão da competição, porém, se traz para a pessoa algum desconforto, aí é melhor ela não fazer tal exercício físico. Então, ela abre mão do exercício físico.

Contudo, eu como cristão católico, eu vejo que devemos ensinar as pessoas a serem livres. Penso que a religião está para poder ligar as pessoas, sim, ligar com respeito, com zelo e não absolutizar somente uma área do ser.

Nessa resposta mais longa que as demais, o entrevistado ponderou que, historicamente, as religiões fizeram intervenções sobre indumentárias e outros aspectos da vida dos seus membros. Citou como exemplo os muçulmanos e o judeus, com as restrições

sobre vestir e outros costumes. Essa identidade e exigência das religiões, apesar de exageradas, estão atrelados aos códigos de cada uma e cabe ao fiel permanecer ou não nelas. Outro ponto abordado foi a questão da sensualidade das roupas, umas das razões alegadas para a proibição da prática de alguns esportes por parte de igrejas pentecostais. O entrevistado considerou hipocrisia dos que criam tais regramentos, visto que, na verdade, trata-se mais de um problema de autocontrole do indivíduo que se sente tentado a sexualizar tudo a sua volta, do que efetivamente um atentado ao pudor. Ele conclui acenando que a religião deveria incentivar as pessoas a serem livres, e no tocante à atividade física, que elas possam se exercitar e terem uma vida saudável. Esta entrevista ilustra bem a relação entre Educação Física e religião, a partir da ótica de um religioso, no caso, de um católico. A seguir, uma síntese sobre as pesquisas envolvendo religião e EFE.

3.3 Pesquisas relacionadas à religião e EFE

Deve-se considerar que a presente técnica de pesquisa não fará o apanhado de todas as publicações sobre o assunto, porque, além de ser uma tarefa que demandaria trabalho exaustivo e tempo em excesso, as publicações existem em diversos idiomas e em campos variados do saber. Assim, sem o recorte necessário, nenhum método seria adequado. “Partirmos do pressuposto que não é possível determinar um método ou regra geral que delimite todas as práticas científicas existentes no campo da Educação Física Escolar”.²²⁴ Nas seções seguintes adentraremos nas questões específicas sobre o panorama atual e sobre a necessidade de estudos e avanços.

3.3.1 Situação atual a respeito de pesquisas relacionadas à religião e EFE

Ao analisar a publicação de obras caracterizadas como pesquisa sobre religião e EFE, observam-se estudos que tratam aspectos importantes, tais como: a presença de programas de atividades recreativas, esportivas e de lazer em igrejas, como a pesquisa de Jason Lee nos Estados Unidos²²⁵; o posicionamento oficial da Igreja Católica através do papa João Paulo II, que afirmou: “a atividade desportiva manifesta além das ricas possibilidades físicas do

²²⁴ BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo L.; DANTAS, Luiz E. P. B. T. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 25, p.105-115, 2011. [online]. p. 107.

²²⁵ LEE, 2004.

homem, também as suas capacidades intelectuais e espirituais”²²⁶; a pesquisa de Lucas Ferreira, que aponta os fortes laços entre esporte e religião; a ampla pesquisa de Ana Rigoni, que compreende os estudos de mestrado, doutorado e outras publicações sobre Educação Física e religião;²²⁷ entre tantas outras pesquisas.

No esporte, especialmente mente e corpo entram em atividade, enquanto na religião, segundo as crenças religiosas, espírito, alma e corpo são profundamente afetados, permitindo uma relação de complementaridade entre Educação Física e religião. De acordo com Lucas Ferreira, a vinda do industrialismo enfraqueceu a religiosidade, porém, os vínculos fortes do desporto com a religião não foram quebrados.²²⁸

Na sociedade podem ser observados certos incômodos e resistências relacionados ao vínculo entre religião e esporte.²²⁹ Existe a educação e a ciência de um lado, e de outro, há a liberdade religiosa, e no meio os alunos, no ambiente escolar, sujeitos a viverem tais conflitos.²³⁰ A situação se complica porque é um dado antropológico a busca por aquilo que transcende, levando o ser humano a escapar da imanência, podendo culminar na busca de seres supremos.²³¹ Em sociedades majoritariamente religiosas e com religião hegemônica, como é o caso do Brasil, a religião da maioria tende a definir essa *busca pelo que ultrapassa* como a busca por um ser superior pessoal, como no cristianismo. As questões técnicas e científicas, ficam, então, enquadradas nos limites da religião hegemônica.

Como bem afirma Rigoni, as memórias preservam as mudanças históricas e têm o corpo como área do simbólico.²³² Requer-se, então, uma Educação Física que aumente a compreensão relacionada ao corpo humano – e também à mente – no lugar da definição não religiosa de ser humano e de educação constituídos ao longo da história.²³³ Para Rigoni, o corpo incorpora determinado conjunto de representações grupais, em um espaço de tempo,

²²⁶ JOÃO PAULO II, 2000, [n.p.].

²²⁷ Este relatório de pesquisa citou mais de seis publicações da pesquisadora Ana Rigoni, conforme pode-se ver na lista de referências.

²²⁸ FERREIRA, Lucas V. O. *Educação física, esporte e religião: interferências e relações*. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. [online]. p. 32.

²²⁹ RIGONI, Ana Carolina Capellini. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a educação física escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. [online]. p. 93.

²³⁰ MANSUR, 2019.

²³¹ SIMÕES; CONCEIÇÃO, 2004, p. 357.

²³² RIGONI, 2009, p. 1.

²³³ RIGONI, 2013a, p. 82.

vindas de uma cultura.²³⁴ Segundo a autora, anteriormente a religião monopolizava o uso da alma e do corpo e atualmente essa liderança compete com outros campos do conhecimento.²³⁵

As religiões possuem credos e hábitos específicos e tentam exercer influência em relação ao corpo sobre seus adeptos, para que eles evitem pecar e serem tentados.²³⁶ Em simultâneo, os âmbitos religiosos, cada vez mais, perderam espaço na função de promover cultural e socialmente, a obrigatoriedade de crenças, práticas e padrões impostos.²³⁷

Nesta temática, algumas pesquisas foram realizadas no âmbito das Ciências das Religiões, buscando aprofundá-las.²³⁸ Há exemplos de dissertações que buscaram analisar a relação entre religião e EFE a partir de referencial teórico interdisciplinar, das Ciências das Religiões e da Educação Física:²³⁹ *Uma visão geral da relação recíproca entre esporte e religião*²⁴⁰; *O desporto é um dom de Deus*²⁴¹; *Educação física, esporte e religião: interferências e relações*²⁴²; *Marca da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar*²⁴³; *Gestos e expressões faciais de árbitros, atletas e torcedores em um estádio de futebol: uma análise das imagens transmitidas pela televisão*²⁴⁴; *O mover do corpo sagrado: implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos no município de Vila Velha (ES)*²⁴⁵; *A evasão nas aulas de educação física escolar na percepção, dos/das docentes de educação física em função da expressão religiosa discente*²⁴⁶; *Religião e educação do corpo feminino*²⁴⁷; *Corpos na es/cola: (des) compassos entre a Educação Física e a Religião*²⁴⁸; *Corpo e religião: aproximações possíveis*²⁴⁹; *Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história*²⁵⁰; *Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino*²⁵¹; *Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião*²⁵²; *O*

²³⁴ RIGONI, 2013b, p. 2.

²³⁵ RIGONI, 2016, p. 136.

²³⁶ RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p. 228.

²³⁷ RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 879.

²³⁸ FERREIRA, Lucas, 2010, p. 48.

²³⁹ CAMARGO, 2018; SILVA, 2018; SILVA, 2019.

²⁴⁰ LEE, 2004.

²⁴¹ JOÃO PAULO II, 2000.

²⁴² FERREIRA, Lucas, 2010.

²⁴³ RIGONI, 2008.

²⁴⁴ SIMÕES; CONCEIÇÃO, 2004.

²⁴⁵ CAMARGO, 2018.

²⁴⁶ MANSUR, 2019.

²⁴⁷ RIGONI, 2009.

²⁴⁸ RIGONI, 2013a.

²⁴⁹ RIGONI, 2013b.

²⁵⁰ RIGONI, 2016.

²⁵¹ RIGONI; PRODÓCIMO, 2013.

²⁵² RIGONI; DAOLIO, 2014.

*problema do dualismo corpo e alma: por uma visão integral do ser humano nas aulas de educação física*²⁵³; *As práticas corporais na Renovação Carismática Católica: orações, danças e aventura no Projeto Juventude Fiel*²⁵⁴; *Capoeira, religião e educação física: amálgama entre religiosidade, cultura e personalidade*²⁵⁵.

Segundo Silva Filho, na fala religiosa pode haver contradições às atividades de determinados jogos, ao demonstrarem uma visão de exposição corporal excessiva.²⁵⁶ A análise de pesquisas relacionadas ao tema em questão permitirá na próxima subseção tratar o diagnóstico alcançado em relação à necessidade de estudos e avanços em outras subáreas igualmente importantes para o conhecimento dos leitores interessados no assunto e para a formação de profissionais da área e afins.

3.3.2 Necessidade de estudos e avanços em pesquisas sobre religião e EFE

Predominam estudos sobre esporte-religião e corpo-religião nos espaços de ensino fundamental e de esporte, em variadas inter-relações e dimensões. Há uma necessidade de estudos e avanços com um maior direcionamento para as pesquisas nas áreas de jogos e brincadeiras escolares relacionados à religião, cultura popular brasileira e religião, e, abordagem da saúde na educação e religião, além de ampliar para espaços de educação infantil pré-escolar (4 e 5 anos) e de berçário (6 meses a 3 anos). Betti, Ferraz e Dantas afirmam que essa ampliação deve se dar “nos âmbitos da didática, da implementação dos programas (currículos) formulados no bojo das políticas públicas, e da formação de professores”²⁵⁷.

É importante mencionar o papel da Graduação e dos Programas de Pós-Graduação na formação profissional e nas pesquisas no âmbito da religião e EFE. Profissionais capacitadas poderão lidar melhor com a dinâmica relação entre EFE e religião, bem como com o fenômeno religioso no ambiente profissional.

É necessário, também, pesquisar sobre a prática pedagógica em EFE, necessitando de pesquisas de campo em momentos práticos, utilizando metodologias como “pesquisa-ação”,

²⁵³ SILVA, 2018.

²⁵⁴ SILVA, 2019.

²⁵⁵ SILVA FILHO, 2018.

²⁵⁶ SILVA FILHO, 2018.

²⁵⁷ BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011, p. 105.

direcionando a investigação para algo que promova um aprendizado reflexivo e que seja qualitativa.²⁵⁸

Partindo das origens da pesquisa-ação, Franco propõe que ela surge de uma situação social concreta que se pretende modificar, inspirando-se, constantemente, nas transformações e nos elementos novos que aparecem durante o processo e sob a influência da pesquisa. Assim, os fenômenos sociais não devem ser observados do exterior e nem em laboratório, mas a partir de uma situação social concreta a modificar, devendo-se inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que despontam durante o processo e sob a influência da pesquisa.²⁵⁹

Na pesquisa de Setton e Valente sobre religião e educação, são feitas indagações a respeito do tema:

Inspirado em uma metodologia etnográfica, o estudo com funcionários da educação (professores, diretores, conselheiros educativos, assistentes pedagógicos etc.) propõe-se a responder as seguintes questões: Como eles agem? Quais recursos (humanos, dispositivos, argumentos ou outros) mobilizam em situações em que as questões da religião, da discriminação e do racismo são trazidas para o contexto escolar? Quais são as lógicas de ação e os princípios de justiça utilizado por esses atores em situação profissional? Como eles interpretam as expressões religiosas, as manifestações de discriminação e de racismo? Entre trabalho prescrito e trabalho real, quais ajustes são feitos pelos professores para lidar com injunções normativas?²⁶⁰

Na pesquisa supracitada, apontaram-se alguns resultados a serem ressaltados tais como o fato de os funcionários e os docentes, ao relatarem sobre os assuntos de discriminação, racismo e religião, não apresentaram justificativas sólidas para seus posicionamentos.²⁶¹

Além disso, no ambiente escolar, os docentes vêm o religioso como algo que desperta o ensino e a curiosidade dos discentes, que possibilita a sua apresentação de maneira “contraescolar (provocação)” ou “escolar (cultura religiosa)”. Todavia, a religião se dá de maneira a realizar a formação de grupos no ambiente escolar, contribuindo para compor um novo espaço, de tal forma que a religião é utilizada pelo corpo discente de maneira instrumentalizada.²⁶²

Assim, o tema da religião na escola, racismo e discriminação, bem como o sofrimento e o mal-estar causados pela/na atividade docente nos ambientes escolares vêm sendo objetos de estudos da coordenadora da pesquisa REDISCO, Françoise Lantheaume. Ademais, as publicações e a participação da entrevistada em um conjunto de palestras acerca do tema em tela vêm contribuindo para a ampliação da reflexão a respeito de um tema candente da realidade contemporânea, auxiliando na

²⁵⁸ KAWASHIMA, L. B.; MOREIRA, E. C. A pesquisa-ação em educação física escolar: um estudo exploratório nos programas de pós-graduação. *Pensar a Prática*, Goiânia, a. 19, v. 3, p. 639-652, 2016. [online]. p. 639.

²⁵⁹ KAWASHIMA; MOREIRA, 2016, p. 639.

²⁶⁰ SETTON, Maria G. J.; VALENTE, Gabriela A. Religião e educação: um desafio para o trabalho docente – entrevista com Françoise Lantheaume. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, p. 1-15, 2018. [online]. p. 3.

²⁶¹ SETTON; VALENTE, 2018, p. 4.

²⁶² SETTON; VALENTE, 2018, p. 4.

socialização de embates com a comunidade escolar. Trata-se, pois, de assuntos que mobilizam preocupações nacionais e internacionais, tópicos entre os quais a revista *Educação e Pesquisa*, como tradição, vem debatendo.²⁶³

O tema religião e educação, e em especial, religião e Educação Física, necessita ser pesquisado para se conhecer as mútuas influências, limites e possíveis benefícios para a sociedade, visto que a mente e o corpo são interligados, e a espiritualidade e a saúde física também, podendo até mesmo afirmar-se que um complementa o outro.

Como bem afirma Alexandre Souza:

Dentro de diferentes religiões, existem diferentes culturas, e a Educação Física pode desempenhar o papel de identificador destas, auxiliando aos alunos que participam destas diferentes religiões a se identificarem como seres inseridos na sociedade. Acreditando ainda que a Educação Física não possui o papel de ensinar a prática de esporte, mas de ensinar a apropriação da cultura corporal, e de que esta pode ser por meio do esporte, a vemos, portanto como uma formadora de oportunidades para tornar o indivíduo crítico.²⁶⁴

Essa criticidade que a EFE pode proporcionar contribui para a qualidade de vida dos estudantes. Os novos estudos necessitam avaliar quais e como as religiões afetam a EFE e se essa criticidade tem conseguido contrapor a incidência da religião quando esta é no sentido de limitar a participação dos alunos. A conclusão geral da pesquisa que virá na sequência, seguirá nessa linha.

²⁶³ SETTON; VALENTE, 2018, p. 5.

²⁶⁴ SOUZA, 2015, [n.p.].

CONCLUSÃO

Considerando-se que a prática da EFE desde o primeiro ano de vida contribui para a saúde dos estudantes e a hipótese de trabalho era que as religiões podem auxiliar nesse processo, zelando pelo bem-estar físico e espiritual das pessoas. Segundo os autores trabalhados ao longo do texto, essa hipótese foi confirmada, visto que a literatura aponta que as religiões, em sua maioria, apoiam e até mesmo propiciam a prática de atividades físicas nos espaços e/ou eventos religiosos, e que os exercícios físicos e os esportes beneficiam a saúde, além de promover o aprendizado do corpo e da mente. A exceção seria em relação a alguns segmentos religiosos, conforme trabalhado na seção 1.2.3, que se mostram restritivos contra determinadas vestimentas e posições corporais usadas em alguns esportes e exercícios físicos, restringindo e/ou impedindo os fiéis de práticas de atividades físicas.

No primeiro capítulo, concluiu-se que é importante que o professor de Educação Física possua formação crítica capaz de lidar com o fenômeno religioso na escola. De um lado há a ciência e a educação com práticas avançadas e transformadoras, de outro, existe a religião com suas práticas e credos, e no meio, estão os sujeitos inseridos no espaço escolar tendo que lidar com possíveis tensões. A pesquisa apontou implicações na relação entre religião e Educação Física, desafios, obstáculos, barreiras e preconceitos, envolvendo especialmente o corpo, o ambiente escolar e a religião.

No segundo capítulo foi possível concluir que na Educação Física, o direcionamento específico ao movimento corporal com atividades intencionais consegue promover o desenvolvimento integral do indivíduo desde a fase infante, onde os bebês se comunicam e se expressam para o mundo através do próprio corpo. Na Educação Física, as ligações entre corpo e religião precisam ser avaliadas, pois, há mútuas influências. Ao pensar sobre religião e corpo entrelaçados é preciso também compreender que o indivíduo está inserido no mundo a partir da cultura e da religião. É desafiador pensar sobre, pois, o movimento e a expressão corporal se fazem de variadas formas, bem como na EFE. É possível perceber que desde os seguimentos científicos e pedagógicos, até os âmbitos políticos e religiosos, a influência religiosa corporal e o papel social escolar interferem na teoria e na prática dos mesmos, como visto na seção 2.1.

O terceiro capítulo permite concluir que tanto a religião quanto o esporte são importantes e se reforçam mutuamente, ainda que determinados seguimentos religiosos se mostrem austeros na sociedade. Na perspectiva de um religioso católico sobre o papel da Educação Física e a relação entre religião e EFE, pode-se observar na entrevista que para o

entrevistado a religião deve incentivar as pessoas a serem livres, e no tocante à atividade física, que elas devem se exercitar e terem uma vida saudável. As respostas à entrevista serviram para ilustrar a relação entre Educação Física e religião, a partir da ótica de um religioso.

Conclui-se, também, que a temática educação e religião e, principalmente, EFE e religião, necessita ser mais pesquisada e aprofundada para se apropriar de informações sobre as possíveis limitações, influências simultâneas e benefícios sociais em relação aos variados fenômenos que envolvem a religião e Educação Física no ambiente escolar.

Como visto, os exercícios físicos e os esportes promovem benefícios à saúde corporal e mental, e na Educação Física, através da utilização de atividades direcionadas e com a mediação especializada dos profissionais da área, promovem o desenvolvimento integral do ser humano. Chama a atenção o fato de alguns grupos religiosos não perceberem esses benefícios e sacrificarem a saúde de seus membros em nome de seus dogmas. Para mediar essa e outras questões envolvendo a crença do estudante e da família, é fundamental que o professor de Educação Física seja capacitado e obtenha formação para enfrentar tal contexto positiva, reflexiva, científica e criticamente.

Na parte ilustrativa da presente pesquisa, observou-se que a resposta do líder religioso foi no sentido de que a religião deve apoiar a liberdade das pessoas, a prática de exercícios e a manutenção de uma boa saúde. A religião pode promover a formação de grupos no espaço escolar e criar um ambiente mais participativo e atento às questões que envolvem corpo e mente. A saúde física, a espiritualidade, o corpo e a mente possuem forte ligação. Separados, tornam-se incompletos.

A temática em questão necessita de mais estudos, incluindo pesquisas de campo para mapear os desafios locais. Informações adequadas e conscientização da população podem gerar mudanças de mentalidade sobre a importância da prática de atividades físicas do berçário à juventude. Soma-se a isso o apoio e incentivo necessário por parte das religiões, visto que esta é parte integrante e importante para uma considerável parcela da sociedade, contribuindo para a saúde mental e espiritual da população, unindo corpo e mente saudáveis.

A atual situação de pandemia impôs algumas limitações ao presente estudo, impossibilitando, por exemplo, uma pesquisa de campo que estava programada. Outro desafio foi a escassa quantidade de pesquisas sobre o tema central da pesquisa. Contudo, foi possível abordar o assunto com fundamentação adequada e interdisciplinarmente.

A pesquisadora pretende continuar os estudos sobre a temática, especialmente considerando uma ampla pesquisa de campo onde será possível ouvir os responsáveis pelos

discentes sobre a influência da religião e a participação na EFE. Assim, será possível mapear com mais clareza as religiões que afetam positivamente os estudantes para maior envolvimento com a prática de exercícios, as que causam embaraço e limitação, e também, aquelas que se mostram isentas nessa questão. O campo de pesquisa é vasto e tem muitas possibilidades.



REFERÊNCIAS

ALVES, Maria do Carmo D. A dinâmica da imagem do corpo: da criança ao idoso: “do tato ao contato: uma experiência de diálogo corporal”. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE [Site institucional]. [s.d.]. [n.p.]. Disponível em: <https://www.psicomotricidade.com.br/artigos/artigos-dinamica-da-imagem.htm>. Acesso em 20 dez. 2019.

ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “sexualidade” na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019.

ASSIS, Renata M.; MACIEL, Livia M. O professor de educação física na escola: consensos e conflitos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, XIII ENDIPE, 2006, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2006, p. 01-12.

BANDEIRA, Ana Paula R. M.; SOUZA, Artur E. F.; SOARES, Rafael da S.; LOBO, Wellington G.; ROCHA, Edson L. A abordagem pedagógica saúde renovada nas aulas de Educação Física Escolar. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 19, n. 196, p. 3-4, 2014. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd196/saude-renovada-nas-aulas-de-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 22 mai. 2021.

BETTI, Mauro; LIZ, Marlene T. F. Educação Física Escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, 2003.

BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo L.; DANTAS, Luiz E. P. B. T. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 25, p.105-115, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/11.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

BISSOLI, Michelle de Freitas. Development of children's personality: the role of early childhood education. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 587-597, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-73722163602>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Esporte e religião. In: ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, [n.p.]. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/291.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2021.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CAMARGO, André Luiz Lopes. *O mover do corpo sagrado: implicações para a educação física escolar em face da religiosidade de estudantes evangélicos no município de Vila Velha (ES)*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/256>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CAMILO; Filipe C.; PITOMBEIRA, Leymar P.; DEBIEN, Jurema B. P.; CANTANHEDE, Aroldo L. I. Abordagens pedagógicas na Educação Física: um estudo na educação infantil de Belo Horizonte. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, n. 146, [n.p.], 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd146/abordagens-pedagogicas-da-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 15 mar. 2020.

COSTA, A. S. Desporto e conhecimento do homem. *In*: Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. As ciências do desporto e a prática desportiva no Espaço da Língua Portuguesa, II, Porto-Portugal. *Anais...* Porto: Univ. do Porto, 1991, [n.p.]. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/desporto-conhecimento-homem>. Acesso em: 22 mai. 2021.

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher*: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar e suas interfaces com a saúde. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 18, n. 182, [n.p.], 2013. Disponível em: [https://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm#:~:text=Ghiraldelli%20\(1998\)%2C%20explica%20que,Competitivista%20\(1964%20a%201985\).&text=A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20Popular%20se%20desmembra%20em%20v%C3%A1rias%20abordagens%5B2%5D](https://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm#:~:text=Ghiraldelli%20(1998)%2C%20explica%20que,Competitivista%20(1964%20a%201985).&text=A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20Popular%20se%20desmembra%20em%20v%C3%A1rias%20abordagens%5B2%5D). Acesso em: 23 nov. 2020.

FERREIRA, Lucas V. O. Educação física, esporte e religião: interferências e relações. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/1839.pdf> Acesso em: 05 mai. 2021.

FERREIRA, Maria E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Revista Ciência e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 47-61, 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/424/233>. Acesso em: 23 nov. 2020.

FERREIRA, Norma S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, São Paulo, a. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H. de A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. *Revista Holos*, Natal, a. 28, v. 4, p. 148-157, p. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481549278012.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

GARCIA, R. P; LEMOS, K. *Temas (quase éticos) de desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. Religion as a cultural system. In: BANTON, M. (org.) *Anthropological approaches to the study of Religion*. Londres: Tavistock, 1966. p. 01-46.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação Física progressista*. São Paulo: Loyola, 1998.

GÓIS JÚNIOR, E. G.; MELO V. A.; SOARES, A. J. G. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre a educação do corpo na década de 1930. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 343-360, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000200343. Acesso em: 15 dez. 2020.

GONÇALVES, Andreia S.; AZEVEDO, Aldo A. A Re-significação do corpo pela Educação Física Escolar, face ao estereótipo do corpo ideal construído na contemporaneidade. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 201-219, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/1083/1679>. Acesso em: 01 dez. 2020.

GUIRRA, Frederico J. S. A Educação Física no Contexto escolar: novos olhares, velhas práticas. *Revista Facisa*, Barra do Garças, v. 2, n. 1, p. 45-55, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unicathedral.edu.br/revistafacisa/article/view/24/20>. Acesso em: 01 dez. 2020.

HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HARO, Guilherme K. Futebol e valores religiosos: uma revisão da literatura. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18900/000732415.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 mai. 2021.

IBAÑES, R. *Valores, objetivos y actitudes en educación*. Valladolid: Miñon, 1976.

JOÃO PAULO II. *O desporto é um dom de Deus*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2000.

KAWASHIMA, L. B.; MOREIRA, E. C. A pesquisa-ação em educação física escolar: um estudo exploratório nos programas de pós-graduação. *Pensar a Prática*, Goiânia, a. 19, v. 3, p. 639-652, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/39400/pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

KERSCNER, Vanusa; CAUDURO, Maria T. O conhecimento sobre o corpo da Educação Física. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 18, n. 180, [n.p.], 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd180/o-conhecimento-sobre-o-corpo-nas-aulas.htm>. Acesso em: 12 mar. 2020.

LEE, Jason W. An Overview of the Reciprocal Relationship between Sport and Religion. *Smart Online Journal*, Jacksonville-Florida, v. 1, n. 1, p. 26-30, 2004. Disponível em: <http://www.thesmartjournal.com/SMART-religion.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo. Teoria da personalidade em Carl Gustavo Jung. In: REIS, Alberto Olavo Advincula; GONÇALVES, Waldir Lourenço; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo. *Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: EPU, 1984.

MANSUR, Ofelia Machado. *A evasão nas aulas de educação física escolar na percepção, dos/das docentes de educação física em função da expressão religiosa discente*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2019. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/283>. Acesso em: 05 dez. 2020.

MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: Educando crianças ou meninos e meninas? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 46, p. 411-438, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n46/1809-4449-cpa-46-0411.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2021.

MATTOS, Rafael da Silva; GRIVET, Eliane; CASTRO, Juliana Brandão Pinto; ESPÍRITO SANTO, Wecisley Ribeiro; SABINO, César; RETONDAR, Jeferson José Moebus; GAMA, Dirceu. Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 97-113, 2019.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDEIROS, Rosie; RAMOS, Thays A. M. S. Educação como expressão do corpo que dança: um olhar sobre a vivência da dança em projetos sociais. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 311-324, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 mai. 2021.

MONTEIRO, Alberto O. *Desporto: da excelência à Virtude. Um caminho para crianças, jovens e adultos*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade do Minho, Braga, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11319/000612922.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 mai. 2021.

NOGUEIRA, Quéfren W. C. Educação Física, cultura e a produção de significados. *Revista Educar*, Curitiba, n. 26, p. 197-214, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n26/n26a14.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

NOVAES, Joana de Vilhena; IANNELLI, Adriana Machado. A dimensão simbólica do corpo e o fenômeno social da corporalidade. *Revista Desafios*, Palmas, v. 2, n. 1, p. 176-189, 2015.

RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a educação física escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275140>. Acesso em: 05 mai. 2021.

RIGONI, Ana Carolina C. Religião e educação do corpo feminino. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 14, n. 133, p. 1-2, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd133/religiao-e-educacao-do-corpo-feminino.htm>. Acesso em: 21 nov. 2020.

RIGONI, Ana Carolina C. *Corpos na escola: (des) compassos entre a Educação Física e a Religião*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296870778.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

RIGONI, Ana Carolina C. Corpo e religião: aproximações possíveis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), XVIII; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), V, 2013. *Anais...* Brasília: CONBRACE; CONICE, 2013b. p. 1-13. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/4832/2913>. Acesso em: 03 dez. 2020.

RIGONI, Ana Carolina C.; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 875-894, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/40678/31580>. Acesso em: 02 dez. 2020.

RIGONI, Ana Carolina C. Um breve ensaio sobre corpo e religião: relações e transformações ao longo da história. *Revista Ciências da Religião*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 127-145, 2016.

RIGONI, Ana Carolina C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n1/a17v35n1.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ROBLE, Odilon José; MOREIRA, Maria Inês Badaró; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza. A educação física na saúde mental: construindo uma formação na perspectiva interdisciplinar. *Interface*, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 567-578, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v16n41/aop3112.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

RODRIGUES, Leonardo L.; BRACHT Valter. As culturas da Educação Física. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v32n1/v32n1a07.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

RYAN, Thomas. Para uma espiritualidade dos esportes. *Concilium*, Petrópolis, n. 225, n. 5, p. 116-125, 1989.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional do professor. In: NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. 2. ed. Lisboa: Porto, 1995. p. 63-92.

SANTANA, Dayane Pereira de; COSTA, Célia Regina Bernardes. Educação Física escolar na promoção da saúde. *Revista Núcleo do Conhecimento*, São Paulo, a. 1, v. 10, p. 171-185, 2016. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/escolar-promocao-saude?pdf=6042>. Acesso em: 22 mai. 2021.

SETTON, Maria G. J.; VALENTE, Gabriela A. Religião e educação: um desafio para o trabalho docente – entrevista com Françoise Lantheaume. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e201844002002.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SEVERINO, Cláudio Delunardo; CORREA, Amanda Santos R. C. Educação Física em creches: um estudo de caso a partir da percepção de professoras do município de Pinheiral. *Cadernos UniFOA*, Volta Redonda, v. 13, n. 38, p. 109-120, 2018. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1547>. Acesso em: 22 mai. 2021.

SILVA FILHO, José Carlos Almeida. *Capoeira, religião e educação física: amálgama entre religiosidade, cultura e personalidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/160>. Acesso em: 05 dez. 2020.

SILVA, Bruno Machado Belisario. *O problema do dualismo corpo e alma: por uma visão integral do ser humano nas aulas de educação física*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/299>. Acesso em: 05 dez. 2020.

SILVA, Letícia Rodrigues Teixeira. *As práticas corporais na Renovação Carismática Católica: orações, danças e aventura no Projeto Juventude Fiel*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37859/1/2019_Let%C3%ADciaRodriguesTeixeiraeSilva.pdf. Acesso em: 05 dez. 2020.

SIMÕES, A. C; CONCEIÇÃO, P. F. M. Gestos e expressões faciais de árbitros, atletas e torcedores em um estádio de futebol: uma análise das imagens transmitidas pela televisão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 24, p. 343-361, 2004. p. 357. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16574/18287>. Acesso em: 22 mai. 2021.

SOARES, C.; TAFFAREL, C.; ESCOBAR, M. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993, p. 211-224.

SOUZA, Alexandre Rocha. A influência da religião na prática das aulas de Educação Física. *Revista Digital EFDeportes.com*, Buenos Aires, a. 20, n. 208, [n.p.], 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd208/a-influencia-da-religiao-na-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 22 mai. 2021.

VARGAS, Nairo de Souza. Símbolo e psicossomática: o corpo simbólico. *Revista Junguiana*, São Paulo, n. 20, p. 29-34, 2002.

VELOZO, E. L., Educação física, ciência e cultura. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 79-93, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v31n3/v31n3a06.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Rio de Janeiro: Andes, 1974.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Pergunta 1: qual a relação entre exercícios físicos e religião?

Complemento (1.1): estão interligados?

Complemento (1.2): ou completamente separados?

- Pergunta 2: o que o exercício físico influencia na religião?

- Pergunta 3: o que a religião influencia no exercício físico?

- Pergunta 4: a religião serve de suporte espiritual para estimular a prática de exercícios físicos?

- Pergunta 5: a prática de exercícios físicos serve de suporte corporal para estimular a prática de oração?

- Pergunta 6: a prática de exercícios físicos serve de suporte para estimular a seguir uma religião?

- Pergunta 7: a Educação Física Escolar é uma disciplina que contribui para a prática da espiritualidade?

- Pergunta 8: o que você acha da cultura de alguns pais/responsáveis que se prendem a questões religiosas, usando discursos restritivos à participação nas aulas de Educação Física Escolar?

Complemento (8.1): e a opinião de certas religiões sobre a restrição de roupas, dificultando a prática de exercícios físicos, sobre considerarem posições corporais no esporte e/ou exercício físico como “sexuais”, sobre restringir o cuidado e vaidade com corpo para não o tornar “fruto da tentação”, etc.?

ANEXOS

ANEXO A: TERMOS DE CONSENTIMENTO ASSINADOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi convidado a participar da pesquisa “Educação Física Escolar e Religião: do berçário à juventude”.

O objetivo deste estudo consiste em identificar a visão das religiões a respeito da Educação Física Escolar. A participação não é obrigatória, podendo desistir da mesma a qualquer momento: a participação se dará por meio de questionário e o membro focal será composto por um líder religioso. Não há remuneração pela a participação. As respostas serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação.

Ao final, a pesquisadora irá propor uma devolutiva sobre as questões elencadas e os resultados. Os resultados vão compor o acervo de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Faculdade Unida de Vitória/ES, ficando disponíveis para consulta.

A pesquisa foi aprovada pelo PPGCR da Faculdade Unida de Vitória que funciona na Rua Eng. Fábio Ruschi, 161, Bento Ferreira, Vitória-ES, telefone (27)33252071, e-mail contato@fuv.edu.br. Se necessário pode-se entrar em contato com a instituição.

Pesquisadora: Mestranda Leila Miranda Damasceno

E-mail: le.md@hotmail.com

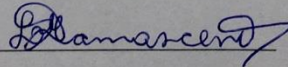
Telefone: 27 997623808

Orientador: Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro

E – mail: osvaldo@fuv.edu.br

Caso concorde em participar desta pesquisa, assine o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* anexo e devolva-o à pesquisadora. Você pode guardar uma cópia destas informações e do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* para o seu próprio registro.

Vila Velha – ES, 25 de Maio de 2021



Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ANEXO

Entrevistado/a: ANDERSON GOMES DA SILVA

1. Confirmando que li e entendi as informações sobre a participação na pesquisa e tive a oportunidade de fazer perguntas ao/à pesquisador/a.
2. Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem que meus direitos legais sejam afetados.
3. Concordo em participar da pesquisa.

Vila Velha - ES, 25 de Maio de 2021

Anderson Gomes da Silva
Assinatura da pessoa participante

ANEXO B: GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA – CD

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 19/08/2021.

